



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Fabiana Barros de Lima Lourenço de Lima

**Cidade Alta Futebol de Favela: um olhar fenomenológico no processo de
subjativação da identidade de favela através do futebol**

Duque de Caxias

2019

Fabiana Barros de Lima Lourenço de Lima

Cidade Alta Futebol de Favela: um olhar fenomenológico no processo de subjetivação da identidade de favela através do futebol

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Mário Sérgio Ignácio Brum

Duque de Caxias

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

L732 Lima, Fabiana Barros de Lima Lourenço de
Tese Cidade Alta Futebol de Favela: um olhar fenomenológico no processo de
subjetivação da identidade de favela através do futebol / Fabiana Barros de Lima
Lourenço de Lima - 2019.
56 f.

Orientador: Mário Sérgio Ignácio Brum

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Futebol – Aspectos sociais - Teses. 2. Favelas – Rio de Janeiro (RJ) - Teses.
I. Brum, Mário Sérgio Ignácio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 796.332:301

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fabiana Barros de Lima Lourenço de Lima

**Cidade Alta Futebol de Favela: um olhar fenomenológico no processo de subjetivação da
identidade de favela através do futebol**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação e Cultura.

Aprovada em 23 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mário Sérgio Ignácio Brum (Orientador)

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Rafael Soares Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Leandro Daniel Benmerguí

Purchase college, State University of de New York

Duque de Caxias

2019

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um sonho realizado, fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF/UERJ) com orientação do querido amigo Mário Sérgio Ignácio Brum, que desde do início apoiou a pesquisa e acreditou no trabalho.

Aos meus pais, Raimundo Nonato e Nádia Barros por todo amor e incentivo aos estudos.

À minha avó Eliete Barros que sempre esteve na torcida e em oração para que tudo saísse certo.

Ao meu marido e companheiro Leandro Lourenço que sempre me apoiou, incentivou e esteve presente ao longo da pesquisa.

Aos meus filhos, meus tesouros, meu bem maior. Obrigada Leonardo Ken e Eduardo Ken pela paciência.

Aos amigos de profissão do C.E República de Guiné Bissau que incentivaram e ajudaram em todo processo.

Aos moradores e ex-moradores da Cidade Alta que doaram um pouco do seu tempo e de suas lembranças ao longo da pesquisa.

Agradeço sobretudo à Deus pois sem ele nada é possível, gratidão!

RESUMO

LIMA, Fabiana Barros de Lima Lourenço de. *Cidade Alta Futebol de Favela: um olhar fenomenológico no processo de subjetivação da identidade de favela através do futebol*. 2019. 56 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

Esta dissertação é uma contribuição para linha Educação, Comunicação e Cultura do programa de Pós Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas - UERJ, baseado em um olhar fenomenológico à pesquisa empírica da *Favela*, a partir da trajetória do CAFF - Cidade Alta Futebol de Favela e da construção da identidade local como favela de modo positivo. Para isso, utilizamos depoimentos dos primeiros moradores da Cidade Alta oriundos de remoções das favelas na década de 1960, que narram à trajetória dos campeonatos de futebol existentes na Cidade Alta desde a sua fundação aos dias atuais, acrescentando como pertencimento da história local e certificando que através do futebol existe uma valorização positiva da sua identidade como favela. Apresentamos ainda os surgimentos dos principais times das peladas e um processo pedagógico e dialógico de construção de uma subjetividade periférica a partir do nascimento do time que hoje subjetiva todos eles, o Cidade Alta Futebol de Favela.

Palavras-chave: Cidade Alta. Futebol. Favela. Fenomenologia.

ABSTRACT

LIMA, Fabiana Barros de Lima Lourenço de. *Upper city favela football: a phenomenological view in the process of subjectivation of the favela identity through football*. 2019. 56 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

This dissertation is a contribution to the Education, Communication and Culture line of the Graduate Program in Education, Communication and Culture in Urban Peripheries - UERJ, based on a phenomenological look at Favela's empirical research, this dissertation is about the trajectory of CAFF - Cidade Alta Football from Favela. With the contributions of the first inhabitants of the Upper City from the slums of the 60s, they tell the history of the football championships in the Upper City from the foundation to the present day, adding as belonging to the local history and certifying that through football there is a positive appreciation of their identity as a favela. We present the emergence of the main teams of the pick up football games and the birth of the team that subjectivate all of the them, nowadays, the CAFF.

Keywords: Upper city. Football. Favela. Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Campo do Baiano ano 74.....	30
Figura 2 – Campo do Baiano ano 1973.....	30
Figura 3 – Campo do Baiano ano 1973.....	31
Figura 4 - Jogando no campo da Chácara	31
Figura 5 - Ao fundo a vista do campo do baiano.....	31
Figura 6 - Campo do Maconhão	32
Figura 7 – Futebol na Av. Brasil.....	32
Figura 8 - Futebol na Av. Brasil – Anos 70	32
Figura 9 – Futebol Ano 90 – Branco Patrícia.....	33
Figura 10 - Escudo do time União	33
Figura 11 – Post 28/08/18 Gilmar Coelho	34
Figura 12 – Campo da Cintra - Marco Andrade.....	34
Figura 13 – Cidade Alta Anos 80 – Quadro Adriano Silva	36
Figura 14 - Quadra da cidade alta ainda no chão de terra.....	36
Figura 15 - Quadra da Cidade Alta reformada ainda descoberta	37
Figura 16 – Time da Escolhinha Rio Verde	37
Figura 17 – Futebol das Piranhas – anos 80.....	39
Figura 18 – Futebol das Piranhas – metade dos anos 80	39
Figura 19 – Futebol das Piranhas anos 90 – Ponto Final. Marco Andrade.....	40
Figura 20 – Futebol das Piranhas.....	40
Figura 21 – Futebol das Piranhas.....	40
Figura 22 - Alunos com a camisa do CAFF no colégio.....	45
Figura 23 - Domingo de festa.....	47
Figura 24 – Gordinhos deitam e rolam	47
Figura 25 – Destaque em jornais	48
Figura 26 – Legado da torcida	48
Figura 27 – CAFF Mania	48
Figura 28 – Uniformes	48
Figura 29 – Dia de Jogo	48
Figura 30 – Times	48
Figura 31 – Diversidade do CAFF.....	48
Figura 32 – Da favela a Paris	48
Figura 33 – Lugar de Gente Feliz	48

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA NA PESQUISA	13
1.1	Metodologia fenomenológica segundo o pensamento de Edmund Husserl	14
1.2	A suspensão do juízo	15
2	CIDADE ALTA: O MUNDO DA VIDA	17
2.1	Cidade Alta e a construção do ambiente de favela	19
2.2	A Paz dos tempos Melhores	21
2.3	Cidade Alta e o Ruído do medo	23
3	CRUZANDO OLHARES: UM OLHAR LANÇADO SOBRE O FENÔMENO	25
3.1	Dos times de pelada ao CAFF	25
3.2	Dos times do Campo do Baiano ao Maconhão	28
3.3	Escolinha Rio Verde	34
3.4	Futebol das Piranhas	38
4	CRUZANDO OLHARES - O CAFF	41
4.1	O retorno da favela	43
4.2	Compreendendo o processo de subjetivação	44
	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS	51
	ANEXO – Fotos	52

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada surgiu de uma percepção visual do campo estudado, em uma rotina fundamentada na minha vivência e experiência diária. Esta relação iniciou-se pelo fato de morar em uma das ruas que dão principal acesso ao campo da pesquisa. Logo, como frequentadora local, estabeleci desde a minha adolescência ciclos de amizades escolares e ciclos afetivos. Circundava naquela localidade os meus melhores amigos e o meu então futuro marido. Passados vinte e nove anos, essas mencionadas relações afetivas não mudaram, pelo contrário foram se concretizando em projetos de vida. Assim, formei a minha família e atingi metas planejadas profissionalmente. Formada em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2003), lecionei como professora da rede estadual para o ensino Médio desde 2004 no Colégio Estadual República de Guiné Bissau, no ano de 2014 ocupei o cargo de diretora adjunta, e a partir de 2018 passei a ocupar o cargo de diretora-geral, esse colégio está localizado no meu campo de pesquisa: uma favela no subúrbio da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro, chamada Cidade Alta.

Devo acrescentar também como importante informação que ainda resido nesta rua de acesso em um condomínio situado na encosta do complexo pesquisado. Ressalto a importância da informação, pois pude com isso reunir uma rica coleta de dados para compor epistemologicamente uma abordagem qualitativa, explorando o discurso oral e o discurso escrito através de entrevistas, símbolos, imagens e sons. A vivência no campo de estudo é diário e dialoga, ora com o familiar e social, ora com a prática profissional. Foi justamente nessas andanças diárias que percebi que as cores: azul e amarelo, iam se multiplicando entre as ruas e vielas da favela, expostos nas vestimentas do corpo de um bebê, de uma criança, de um idoso, ou através dos logotipos pintados nos muros da favela, ou ainda mencionado em rodas de conversas, fui percebendo que aos poucos uma palavra vinha ganhando força e notoriedade na Cidade Alta, era o *CAFF*, o *Cidade Alta Futebol de Favela*.

Oriundo de uma paixão nacional, o gosto pelo futebol, marca sua preferência de forma inata de modo ainda mais marcante em uma favela, onde seus moradores têm uma grande carência de lazer e entretenimento, pelo descaso do poder público e pela carência de equipamentos culturais, esportivos e de lazer, o morador da favela para preencher esta lacuna busca outras formas de divertimento, historicamente construiu seus próprios espaços, como por exemplos: bailes funk, rodas culturais e as “peladas”.

Este estudo aponta que as peladas futebolísticas estiveram presentes na Cidade Alta desde o de sua fundação como conjunto habitacional em 1969 (BRUM, 2012, p. 18).

Desde então, ao longo de sua trajetória, a Cidade Alta foi crescendo, resistindo, se modificando... Esquecida pelo poder estadual público que um dia a estampou como modelo habitacional popular da década de 60 ela, foi criando sua peculiar etnografia, formando um amontoado de unidades de conjuntos habitacionais e de favelas compondo hoje o que chamamos de “complexo da Cidade Alta”.

Observando através de um olhar participativo e interpretativo o processo de construção e subjetivação da identidade periférica local, o CAFF - Cidade Alta Futebol de Favela - desde a sua fundação em 2012, se caracteriza em ser um time de futebol amador pertencente à liga de Futebol 7 Society, que é um futebol praticado no campo reduzido porém, com 7 jogadores, promovendo uma integração social de crianças e jovens que abrange diversas faixas etárias e que ao invés de ser somente uma instituição de time amador de futebol, é um potencial unificador de afetos, objetivos e sonhos que anseiam muitos que ali vivem, pois, funcionam com uma válvula de escape da violência e descaso que as favelas do Rio de Janeiro atualmente vivenciam. Poderíamos citar outras instituições locais na Cidade Alta, estatais ou não, como o Grêmio Recreativo Bloco de Carnaval do Barriga, Colégio Estadual República de Guiné Bissau, Paróquia Senhor do Bonfim e o Projeto de Karatê - KLL, que também possuem características de afetos e subjetividades locais, a primeira por ser trazida pelos primeiros moradores, quando vieram removidos da Zona Sul (BRUM, 2012, p. 173) e o segundo por ser fruto da luta dos moradores já estabelecidos após 17 anos no local (BRUM, 2012, p. 171), o terceiro por ser um projeto esportivo introduzido pela Pastoral dos Esportes no ano 2000 com o Professor Leandro Lourenço, estando ativo há 19 anos na Cidade Alta, a última também é fruto de luta e sua fundação foi em agosto de 1979, mas nenhuma atualmente se compara ao fenômeno do CAFF onde a 2.^a, 3.^a e 4.^a gerações da Cidade Alta (BRUM, 2012, p. 30), denominações que aprofundaremos mais adiante, se fazem presentes. Onde consideramos essas gerações como descendências dos primeiros moradores da Cidade Alta e que possuem profundas centralidades em nossa pesquisa.

Foi esta particularidade do surgimento empírico do fenômeno do CAFF com tanto vigor e de forma tão subjetiva, que despertou a curiosidade de entender o que o diferenciava das outras instituições que ali estavam presentes na Cidade Alta e possuíam parecidas características.

Buscando as técnicas de pesquisas qualitativas para interpretar o campo estudado, a partir das perspectivas subjetivas, utilizo a entrevista com personagens locais presentes no meu ambiente profissional, outros escolhidos especificamente para a pesquisa e também gente

que circula e faz parte de alguma forma da favela, a fim de extrair as experiências e trajetórias para descrever e entender o fenômeno percebido por mim.

Precisava então trazer significações a percepção do fenômeno e entender:

-Como seria possível desvelar o fenômeno do CAFF na Cidade Alta?

-Que relações foram estabelecidas da Cidade Alta com o futebol?

-Quais eram os fatores que resultavam um processo de subjetivação local?

-E ainda compreender como a palavra FAVELA composta no nome do fenômeno estudado não teve a rejeição ou causou desconforto daqueles que o seguem?

Esse fato chama atenção pois, historicamente a Cidade Alta desde a sua fundação lida com a problemática de estigma de favela (BRUM, 2012 p. 290) e existe um problema gerencial com as terminologias de favela, comunidade e conjunto.

Partimos da hipótese de que o termo *favela* foi apreendido pelos moradores das novas gerações e ressignificado não como estigma, mas como identidade a ser positivada e defendida. E que o CAFF, como uma organização local, é instrumento fundamental de socialização entre os moradores, dessa identidade positivada que se contrapõe a uma estigmatização histórica que recai Cidade Alta, num processo de educação não-formal.

Outra questão não de caráter problemático, mas motivador para presente pesquisa foi dar continuidade descritiva a história da Cidade Alta, iniciada precursoramente pela socióloga, Denise Nonato do Nascimento, em sua tese de Mestrado em 2002, continuada pelo também sociólogo Wellington da Silva Conceição em 2011 e pontualmente descrita pelo historiador Mário Brum em 2012, cuja sua obra intitulada: *Cidade Alta – Histórias, memórias e estigmas de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro*, é a principal referência teórica ao longo da pesquisa. Todos grandes companheiros profissionais e que em suas dissertações e diálogos referente ao tema contribuíram valorosamente para pesquisa.

De forma que, prosseguindo nos estudos sobre a Cidade Alta, nosso olhar se volta para a favela de modo positivo, de empoderamento e potencial, e não marginalizado, da favela com base na vivência cotidiana, vinculando um olhar nos comportamentos, práticas e experiências das pessoas que residem na Cidade Alta e que seguem ou admiram o CAFF, procurando afastar ao máximo o caricato de um “problema” a ser controlado ou resolvido (VALLADARES, 2005, p. 36) ou protagonizando através de páginas policiais devido à ação do tráfico de drogas.

Situando o leitor a um detalhamento histórico e etnográfico do Complexo da Cidade Alta, para que este possa entender a realidade mostrada e dar suas significâncias, com essas motivações e indagações iniciais que parto para uma metodologia de análise fenomenológica

que me permite através da observação do Fenômeno CAFF, interpretar, os símbolos, os comportamentos, as ações e o lugar em que vivem, descrevendo esta observação como uma observação participante.

A posição daqueles que adotam como método de trabalho a observação participante é a de que, para entender o comportamento humano e os processos sociais, os pesquisadores devem imergir nos mundos de seus sujeitos. As pessoas precisam ser estudadas em seus próprios termos, devendo o pesquisador tentar apreender os sentidos simbólicos que as pessoas definem como importantes e reais. (MOREIRA, 2004, p. 51).

Por estas razões a escolha da metodologia fenomenológica possibilita o estudo do fenômeno de uma forma concreta e peculiar, mesclando ora um olhar de observador e ora um olhar voltado para quem esta sendo observado. Apresentaremos assim em um outro capítulo, o caminho da nossa reflexão em dois olhares: um olhar do EU que reflete e busca compreender o fenômeno e o olhar do OUTRO que é observado e estudado no dia a dia da Cidade Alta. É a consciência intencional do sujeito dando significações ao fenômeno que vai procurar compreender o OUTRO em sua totalidade, fugindo dos estigmas sociais históricos que permeiam o universo do favelado e da favela.

Estaremos em vários momentos colocando-se no lugar do outro, construindo e desconstruindo conceitos, que estigmatizam os indivíduos que vivem nas áreas periféricas, que acabam por obstruir a própria visão de quem mora lá, não se reconhecendo como sujeito, pertencente a uma história local, e com o seu relacionamento com seu ambiente.

A metodologia filosófica fenomenológica aqui utilizada será apresentada apenas para assentar ao leitor a um entendimento da metodologia escolhida, pois, permite uma eficiente valorização subjetiva, uma reflexão sobre o vivido e o comprometimento total com a realidade descrita. É antes de tudo uma atitude intencional que nós colocam imersos as questões pesquisadas, desejando dar sentido as angústias, os problemas, ao mundo.

Contar, revelar, entender e resgatar a história para esses sujeitos que etnograficamente são pertencentes ao Complexo da Cidade Alta, auxiliando uma leitura de entendimento e significações, dando sentido para suas ações e para as realidades deles vividos, abrindo seus horizontes e possibilidades de entendimento e transformações é o que desejamos contribuir com essa pesquisa.

Através de uma reflexão fenomenológica ser possível impulsionar positivamente outros grupos e instituições que assim como CAFF atingiu uma subjetivação coletiva, que outros possam a vir se transformar e alcançar a unidade em que os indivíduos se reconhecem e sintam empoderados, lutando para desconstruir o estigma do favelado fadado ao fracasso, e

também ressaltar o quanto uma mobilização oriunda dos próprios moradores locais em valorizar, acreditar e educar o ser humano pode ser essencial em “ter um olhar sempre na linha do horizonte” (depoimento de Ismael Prado, 61 anos, ex morador removido do Parque Proletário 3-Leblon). Ressaltando que não desejamos chegar em uma fórmula, ou padronização, pois, em uma pesquisa em que se tratam de sujeitos, a dinâmica, o movimento se fazem presentes o tempo todo.

Dessa maneira divido assim pesquisa em quatro capítulos com os títulos e subtítulos:

No capítulo 1 – Uma análise Fenomenológica, neste primeiro capítulo apresento a metodologia fenomenológica, mostrando conceitos fundamentais e sua eficácia na pesquisa qualitativa.

No capítulo 2 – Cidade Alta, neste capítulo faço um recorte do lugar e situo o leitor da onde estamos explorando, sua história e problemática com a terminologia Favela.

No capítulo 3 - Cruzando Olhares: O olhar lançado sobre o fenômeno, apresento neste capítulo a percepção do fenômeno CAFF que motivou esta pesquisa e investigando a origem do futebol na Cidade Alta como o principal fator de subjetivação, dando fala para quem é olhado.

No capítulo 4 – Cruzando olhares – O CAFF, neste quarto capítulo apresento minha observação participante, dando a fala para quem olha. E, a retomada do termo favela.

E, por fim, faço uma reflexão sobre os diversos aspectos do fenômeno do exposto, buscando contribuir com a pesquisa de forma que as intuições nascidas de movimentos populares alcancem o entendimento do processo subjetivo coletivo e como a palavra *favela* pode fortalecer iniciativas das juventudes que por tanto tempo foram estigmatizadas negativamente pela sociedade. O olhar fenomenológico trará a descoberta de como podemos ver com outros olhos intencionalmente a realidade de uma Favela e trazer suas nuances de um lugar de resistência, luta e superação.

1 UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA NA PESQUISA

Partindo da ideia de fenomenologia¹ vista não como conceito estritamente filosófico, mas especificamente como método, na qual se exerce e aplica-se dentro do contexto de compreensão empírica, que revela o sentimento, a característica, a identidade coletiva exprimida pelos sujeitos, iremos partir através dela para uma investigação de campo qualitativa.

O pesquisador participante, que atua no campo de pesquisa, ele deve compreender e interpretar a realidade em torno do seu ambiente e perceber que existe uma vasta diversidade, que são cheias de diferenças que obriga o sujeito a conhecê-las, e a desvendá-las. São, na verdade múltiplas realidades diferenciadas que são vividas pelos indivíduos que lá residem e que possibilita através de um estudo, compartilhar suas experiências rotineiras, coletando assim dados qualitativamente necessários para a compreensão do fenômeno, tornando-o altamente significativo.

Toda forma de construção e percepção da trajetória histórica do futebol na Cidade Alta até a formação do CAFF, da subjetividade em torno do seu nome, necessitam ser revistos. Existem significações em todo esse trajeto e, é isso que procuramos trazer com a pesquisa, que vão além do CAFF ser apenas um time de futebol de favela, a análise fenomenológica vai possibilitar compreender que o CAFF é um time de futebol “da” favela e isso nos traz dados que vão além das aparências, nos revelando uma estrutura científica de saber que serve para melhor conhece-lo, e ter o entendimento que precisamos.

Partindo então deste propósito de nova leitura e da utilização de métodos adequados capazes de tornar significativa essa recente demanda esportiva, que a fenomenologia, com o método fenomenológico estudado por Edmundo Husserl² vai aplicar uma lógica compreensiva, estudando os fenômenos apresentados, e fazendo com que se tornem uma constituição do mundo na consciência, sem jamais abandonar a experiência, justamente é a experiência que irá torná-la significativa.

¹ Corrente filosófica fundada por E.Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma “voltar às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional. Jupiassú, Hilton e Marcondes, Danilo, *Dicionário Básico de Filosofia*, 4^o ed, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, pág. 105.

² Husserl, Edmund (1859-1938). Criador da fenomenologia, Husserl nasceu em Proznitz, na Morávia (atual República Tcheca), tendo estudado matemática e filosofia nas universidades de Leipzig, Berlim e Viena, onde sofreu a influência de Franz Brentano. Foi professor nas Universidades de Halle (1887), Göttingen (1906) e Freiburg (1938). Jupiassú, Hilton e Marcondes, Danilo, *Dicionário Básico de Filosofia*, 4.º ed, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, pág. 137.

O fenômeno deve ser olhado como ele é, tal qual ele aparece à consciência, sem generalizar, sem fórmulas pré-conceituadas, do que ele seja. A eficácia e sucesso do método consistem justamente aí, em refletir sobre ele mesmo e dando a sua significação necessária.

1.1 Metodologia fenomenológica segundo o pensamento de Edmund Husserl

Não se pretende nesta pesquisa dar uma percepção profunda e exaustiva do pensamento de Edmund Husserl em relação à estrutura fenomenológica. Serão abordadas aqui principalmente questões conceituais de sua fenomenologia e sua metodologia para que então, possa-se vincular a aprendizagem, a subjetivação e interpretação do movimento social envolvido no fenômeno do CAFF. Será dado, portanto, uma visão geral da fenomenologia segundo Edmund Husserl e em seguida relacionar o estabelecimento da aplicação do método fenomenológico com a pesquisa proposta.

A fenomenologia de Edmund Husserl vem ganhando estudos ao longo desses anos em diversas áreas científicas sociais representados por grandes autores³, isto porque sua fenomenologia está relacionada com uma subjetividade, que se dá na existência de uma constituição de um mundo passivo, onde o fenômeno acontece e o sujeito lhe dá um significado.

O significado que cada sujeito dá ao fenômeno, que cada EU realiza (DARTIGUES, 1973, p. 93), se entrelaça individualmente com o dos outros se criando uma subjetivação, que é resultado de um encadeamento intencional dos sujeitos individuais num contexto temporal, essa intencionalidade dos indivíduos aqui mencionados apesar de serem peculiares é uma intencionalidade única, um fluxo de intencionalidades intersubjetivas, ou seja, um fenômeno percebido pelo EU passa a ser um fenômeno social pois, os indivíduos agem em função um dos outros neste mundo passivo onde tudo acontece nele, no seu tempo e no seu espaço, o que Edmund Husserl vai caracterizar como “mundo da vida⁴” ou “mundo da experiência”.

Para dissipar a ilusão objetivista, é preciso fazer reaparecer o liame que liga a ciência ao mundo da vida, isto é, ao mundo cotidiano em que vivemos, agimos, fazemos projetos, entre outros, o da ciência, em que somos felizes ou infelizes. (DARTIGUES, 1973, p. 78)

³ Dentre grandes autores podemos citar Jean Paul Sartre - *O Imaginário* (1940), Maurice Merleau-Ponty com a *Fenomenologia da Percepção* (1945), Alfred Schutz com a *Fenomenologia do Mundo Social* (1932) e Theodor Adorno com *Dialética do Esclarecimento* (1947).

⁴ Entende-se o “mundo da vida” como uma experiência originária que precede a toda categoria científica e filosófica, que irá ser redutível as percepções do sujeito em seu ambiente espaço-temporal e causal.

Segundo o pensamento de Edmund Husserl todo o conhecer vem da experiência, a experiência possui percepções e sensações originárias, que antecede as categorias científicas e filosóficas, a percepção do sujeito no ambiente espaço-temporal dará a sua experimentação, com isso ele dá o sentido subjetivo ao mundo, deixando de lado o mundo da objetividade que é fechado e inabitável.

É no mundo da vida que as coisas acontecem, é neste mundo da experiência que se age, se vive e se transforma, é aqui que o ser humano é e se faz ser. Tudo que se fala deste mundo se fala neste mundo. Aqui, coloca-se uma preciosa questão e de grande importância no pensamento de Edmund Husserl que por esta experiência vivida, que a verdade surgirá pois, tudo acontece diante do mundo da vida, basta tudo se mostrar a consciência, a consciência do sujeito. O que se percebe é tema que se põe para a consciência que está voltada intencionalmente para o que se percebe.

Se o objeto é sempre objeto-para-uma-consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto percebido, ou objeto pensado, remunerado, imaginado, etc. A análise intencional vai nos obrigar assim a conceber a relação entre consciência e objeto sob uma forma que parece estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza...Se a consciência é sempre consciência de alguma coisa e se o objeto é sempre objeto para uma consciência, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que fora dela não haveria nem consciência nem objeto. (DARTIGUES, 1973, p. 26)

Ponto chave da fenomenologia de Husserl induz a reflexão pois, a percepção é reflexiva quando se observa e se tem contato com o apreendido isso causa sentido, o sentido de ser, o significado de ser. É o objeto de estudo que está para consciência assim como a consciência está para o objeto de estudo. São correlatos e plenos, ser consciente de alguma coisa é não haver o vazio daquela coisa na consciência. Nota-se aqui a total intenção de a consciência em relação ao objeto, sobre qual pensa, percebe, e exerce uma interação.

O significado resultante dessa intencionalidade, não é simplesmente um significado qualquer, ele não pode estar carregado de preconceitos, essa atitude deve ser mudada, de forma alguma o objeto de estudo pode estar encoberto, velado, ele tem que estar longe de qualquer julgamento relacionado à sua existência.

1.2 A suspensão do juízo

O que Edmund Husserl vai sugerir é que se ponha em suspenso o juízo, o que ele vai dar o nome de “*epoché*”, que em grego significa abstenção. Tudo que não é dado por uma

⁵ Na medida em que a fenomenologia visa descrever os fenômenos presentes na consciência e não nos fatos físicos ou biológicos, ela é levada a pôr esses fatos “entre parênteses”. A *epoché* designa justamente essa

experiência originária se deve por “entre parênteses”. Esse processo de colocar o “mundo entre parêntese”(lembrando que não é o mundo ou qualquer parte dele que aparece, mas sim o sentido o mundo) é preciso que se adote uma postura radical pois, tem que abstrair da vigente crença na realidade, ou melhor, aparente realidade, ficando assim somente o Eu que deseja fundamentar e o fenômeno. Edmund Husserl dá uma grande importância a isto que vai ficar caracterizado como redução fenomenológica, uma atitude que considera preliminar ao conhecimento, o mundo com todos seus objetos, ficarão reduzidos a puro fenômeno, isto é, aquilo que aparece intencionalmente a consciência. Assim, o que ele caracterizou como redução fenomenológica é uma exportação do eu mundano para um eu puro, longe de juízos, aqui é que acontece o transcendental, que é a saída do eu mundano, natural para o eu puro. Enquanto eu puro desconheço o mundano. Assim conforme antes mencionado a intenção da consciência é que vai dar sentido ao objeto, abrindo a possibilidade do conhecimento, uma manifestação “*a priori*”⁶ da manifestação do objeto. *A priori*, porque a consciência, a partir de si mesma, fundamenta a possibilidade de manifestação do objeto intencionado.

Edmund Husserl considera portanto, a redução fenomenológica como possibilidade rigorosa da compreensão da realidade. É pela chamada redução fenomenológica que se penetra na realidade do objeto, conhecendo e retendo apenas o que é essência (EIDÉTICA⁷). Um grande esforço mental para constituir um saber puro, convicto, seguro e eficaz.

O sentido originário do que é manifesto a consciência, reduzido, intencionado fica claro a sua essência como, por exemplo: A visão do homem dá a visão do humano, a visão intuitiva deste objeto azul, dá a visão do azul. A intuição eidética de Edmund Husserl é, sobretudo, uma visão intelectual do objeto imediatamente dado, fazendo-se abstração de qualquer pressuposto na sua compreensão. O que mais importa é o fenômeno, enquanto manifestado na consciência intencional. Pode-se relacionar assim o método fenomenológico com a intuição.

colocação entre parênteses, essa suspensão do juízo. O homem tem consciência de um mundo que se estende no espaço e no tempo, sendo-lhe acessível pela intuição imediata e pela experiência. Esse mundo natural é um existente, uma realidade: eis a tese geral da atitude natural, diz Husserl. A epoché consiste em alterá-la radicalmente, quer dizer, em suspender o juízo sobre o mundo natural. (Jupiassú, H e Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*- 4.º ed, Rio de Janeiro- Jorge Zahar,Ed,2006.p88).

⁶ (expressão latina: anterior à experiência) 1. Que é logicamente anterior a experiência e dela independe. (Jupiassú, H e Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*- 4º ed, Rio de Janeiro- Jorge Zahar,Ed,2006).

⁷ *AL.eidetisch*, do Gr. *Eidetikos*: (que concerne ao conhecimento). 1. termo de utilização recente, notadamente na fenomenologia de Husserl, para caracterizar aquilo que se refere às essências, por oposição ao suporte fático que depende de outras ciências...Assim por oposição às coisas mesmas,a eidética é a “ciência” das formas das coisas do espírito.(Jupiassú, H e Marcondes.*Dicionário Básico de Filosofia*- 4º. ed, Rio de Janeiro - Jorge Zahar,Ed,2006).

2 CIDADE ALTA: O MUNDO DA VIDA

Para começar a compreender a percepção visual que despertou para o fenômeno e que motivou esta pesquisa, é preciso antes compreender as relações sociais e as identidades históricas que compõe o lugar e os moradores da Cidade Alta.

Início apresentando um cenário encoberto da Cidade Alta como FAVELA, apontando o problema gerencial (BRUM, 2012, p. 21) existente sobre sua origem e sua memória como favela. E, posteriormente a retomada da identidade de favela, sem a condição de estigma que a palavra representa na contextualização de tempos atrás e também dos dias de hoje. A definição conceitual de favela, e suas representações irão nortear o entendimento de como um conjunto habitacional planejado na década de 1960 pode-se apropriar do termo e, ao mesmo tempo estabelecer uma relação conflituosa com esta apropriação.

Partindo de uma reflexão de onde este fenômeno se apresenta, trago para o conhecimento este ambiente chamada CIDADE ALTA, é neste lugar que o fenômeno se mostra como campo empírico de pesquisa.

A Cidade Alta hoje é ambiente formado por um complexo de unidades conjuntos habitacionais e por um conjunto de favelas, digo ambiente⁸ por entender que foi justamente a forma dinâmica da sua composição que torna hoje o Complexo da Cidade Alta uma favela.

Inaugurada em 28 de março de 1969 (BRUM, 2012, p. 18), a Cidade Alta é construída resultante de um projeto político da década de 60 de planejamento habitação popular, que visava remover as pessoas das favelas através do programa da Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana (CHISM) porém, no caso específico da Cidade Alta, este processo de remoção coincide com um misterioso incêndio ocorrido na favela da Praia do Pinto localizado no Leblon, Zona Sul do município do Rio de Janeiro em maio de 1969, onde a maioria das pessoas que inauguram esse conjunto habitacional da Cidade Alta (o primeiro conjunto do complexo, erguido com 2.597 unidades) são oriundos dessa favela da Praia do Pinto e também dos Parques Proletários da Gávea e do Leblon.

Após a construção dos conjuntos de prédios da Cidade Alta (60 blocos), foram construídos os conjuntos do “Pé Sujo” (construído pela CEHAB tem 1.000 unidades) como é chamado o Conjunto Porto Velho, formados também por moradores oriundos de favelas

⁸ Genericamente, um ambiente é qualquer conjunto de coisas, forças, ou condições em relação com algo que existe ou ocupa um lugar. Sociólogos, especificamente, distinguem entre ambiente naturais físicos e ambientes sociais. Os últimos incluem tanto a cultura material e as características culturais e estruturais abstratas de sistemas sociais que determinam e moldam os termos em que a vida social é vivida. (Johnson, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed, 1997)

como, por exemplo, a favela da Babilônia no Leme, a favela do Pasmado em Botafogo, e os conjuntos dos “bancários”, como é chamado o conjunto destinado à ex-bancários cujo nome real é Vista Mar (tem 480 unidades). A formação desses conjuntos considerados “modelos” de habitação populares da época traziam em seu DNA a origem humilde e sofrida da favela, como vemos nos depoimentos a seguir com a exceção dos “Bancários” cujos moradores não eram oriundos de removidos .

quando cheguei aqui, estranhei um pouco porque não estava acostumada com tanta beleza. Estava vindo de uma favela com muitos barracos, sem água encanada, sem esgotos. Quando cheguei aqui foi como um sonho realizado. Era tudo que eu queria. (BRUM, 2012, p. 142)

Abrir uma torneira e água! Vaso sanitário...nossa senhora! Que coisa! Banho de chuveiro! (BRUM, 2012, p. 144)

Como podemos perceber em sua essência o complexo da Cidade Alta foi formado por pessoas de originárias das antigas e “incômodas” favelas da década de 60 e 70 do estado do Rio de Janeiro, mas que por esses mesmos moradores, principalmente os da 1.º geração tentavam e desconstruíam a origem estigmatizada do favelado e buscavam cada vez mais se afastar dela. Vejamos como BRUM (2012 p.30) expõe esse conceito das descendências originárias da Cidade Alta:

- 1.ª Geração – são aqueles indivíduos que chegaram na Cidade Alta adultos nos primeiros anos da sua fundação (1969), hoje aproximadamente na faixa etária a partir dos 69 anos.
- 2.ª Geração – são os moradores que vieram crianças e/ou muito jovens para Cidade Alta, ou mesmo aqueles que em seus primeiros anos nasceram já neste território. Hoje essa geração está na faixa a partir dos 50 anos.
- 3.ª Geração – todos aqueles filhos da segunda geração e que tenham nascido na Cidade Alta.

Vale ressaltar que aquelas pessoas que vieram morar ao longo dos 50 anos de existência da Cidade Alta, e que não participam do grupo originário de fundadores e não possuem por conseguintes descendências dos mesmos, não são enquadrados na descrição classificatória acima.

Acrescento à distribuição acima a 4.ª geração que se resume em serem os filhos da 3.ª geração e que hoje compõem as crianças e adolescentes da Cidade Alta, cuja faixa etária gira em torno máximo aproximadamente de até 20 anos. Esse conhecimento descrito em torno das gerações será útil para entendermos toda a trajetória do fenômeno do CAFF que veremos mais adiante.

Portanto, viver em um lugar composto por apartamentos planejados com gramados, com saneamento básico, luz, podendo chover que não corriam o risco de goteiras e lamas, estava muito longe do cenário insalubre da favela, sendo assim era melhor mesmo esquecer aqueles tempos, tão traumatizante no início, mas que depois compensava em seu plano físico, conforme relata Juracy Lourenço removida quando criança do Parque Proletário da Gávea: “*Só lembro da minha mãe chorando, ela chorava muito, até se acostumar com o lugar*”.

Foi então ocultando da 2ª geração o passado traumático, difícil e doloroso da remoção, que os moradores silenciaram a favela que haviam dentro deles e, durante um bom tempo aquelas lembranças da favela ficavam apenas na memória de quem esteve naquele passado. O tempo passa porém, já são 50 anos desde sua inauguração, e suas descendências pouco sabem sobre suas histórias ou sobre suas origens. “Os mais novos, porém, das terceiras e quarta gerações [...] de moradores, desconhecem no todo ou em grande parte essa origem (BRUM, 2012,p. 21).

2.1 Cidade Alta e a construção do ambiente de favela

Barracão de zinco

Tradição do meu país

Barracão de zinco

Pobretão, infeliz

(Beth Carvalho–Barracão de zinco)

A questão do que é uma favela? ou ainda o que é necessário para um lugar se tornar uma favela, são questões complexas e no caso peculiar da Cidade Alta esses questionamentos se potencializam, vejamos porque: primeiro porque que os três conjuntos que majoritariamente a compõem, são apartamentos planejados de cimento (BRUM, 2012, p. 209), o que afasta a ideia da pobreza dos casebres de madeira cobertos por zincos, que permeiam sua representação conceitual desde sua origem com o Morro da Favella (VALLADARES, 2005). Segundo porque a Cidade Alta possui (ainda que seja num momento posterior a sua inauguração) atendimentos e serviços públicos, como posto médico, escolas, creches, além de comércios legalizados como padarias, mercados, açougue, o que também distancia a percepção de abandono do lugar.

O morro da Favella, pouco a pouco, passou a estender sua denominação a qualquer conjunto de barracos aglomerados sem traçado de ruas nem acesso a serviços públicos, sobre terrenos públicos ou privados invadidos. (VALLADARES, 2005, p. 26)

Talvez então pela ausência dessas visíveis características que evidenciam o conceito primário de favela (VALLADARES, 2005), que seus moradores a tenham substituído por um bom tempo pelas denominações de: “conjuntos da Cidade Alta” e/ou “comunidade da Cidade Alta”. O estigma de favelado não cabe neste cenário apresentado.

Então como se deu este processo de favelização da Cidade Alta? E como se tornou conceitualmente uma Favela? Vejamos alguns fatores que irão revelar a mudança no ambiente. O primeiro deve-se ao fato do surgimento de outras favelas ao entorno, essas construídas com as características anteriormente mencionadas, como um aglomerado de barracos de madeira e de tijolos nas encostas da Cidade Alta. Lembrando que a Cidade Alta foi construída em um lugar alto no entroncamento da avenida Brasil e da Rodovia Washington Luís portanto, existe um extenso território íngreme ao seu entorno.

O principal fator para o crescimento das favelas: Divinéia, Avilã, e City (Cambuci) essas três nas encostas e Pica Pau (antigo chiqueirinho/ Terrinha) e Serra Pelada ao redor (sendo que esta última hoje já se encontra na encosta da Cidade Alta), deve-se ao fato do deslocamento dos apartamentos para os barracos, ou seja, muitos moradores venderam ou alugaram seus imóveis para construir barracos em seu entorno.

As causas são diversas, que vão desde a adaptação dos prédios, ouvi relatos durante a pesquisa, de moradores que tinham medo de altura já que os prédios eram de 5 andares, a falta de dinheiro, pois muitos perderam seus empregos na Zona sul e a impossibilidade do pagamento do carnê habitacional bem como as despesas com o novo lar, também como mencionada na matéria do GLOBO⁹ de 01/06/2011, que descreve o inchaço demográfico do local, com a super lotação das famílias nos apartamentos ou como descreve BRUM num trecho de seu livro

Pastor Guaracy, por conta de seu trabalho na Cohab, narra a visita que fez num apartamento: “quando eu bati na porta, uma senhora me atendeu e eu comecei a conversar com ela. Ah! fulana de tal é minha mãe”, E cadê ela?, Não, minha mãe não está mais aqui, minha mãe mora em outro lugar’. E quem está aqui?’, Aqui está eu, meu irmão, outro irmão, outro irmão, o filho do meu irmão, o outro filho do meu irmão e a outra filha. E eu tenho uma neta, que crio’. Tinha dentro do apartamento, 12 pessoas. Apartamento de 02 quartos[...] Aí, meu irmão dorme ali com a esposa dele, o outro dorme aqui com a esposa, a minha neta dorme aqui na sala, outro não sei quê... E isso num apartamento que eu fui. Isso vai repetindo-se por aí! (BRUM, 2012, p. 231)

O segundo fator no processo de favelização está na falta de gerência comunitária local, o morador joga seu lixo na rua, posso acrescentar que presencio semanalmente no muro do

⁹ Materia disponibilizada no site: <https://oglobo.globo.com/rio/populacao-do-cidade-alta-invade-terrenos-vizinhos-2773168>. Acesso em 12/08/2018.

colégio em que dirijo, o despejo irregular do lixo produzido pelos edifícios e comércios locais.

Outra falta de gerência deve-se a quantidade excessiva de “gatos” como são popularmente chamados os furtos de energia elétrica, é comum ver incêndios na fiação elétrica devida esta prática. Acrescento ainda como falta de gerência o crescimento desordenado dos becos e vielas existentes entre os prédios que compõem os conjuntos habitacionais. Os prédios antes planejados com área de circulação, gramados e espaços de lazer, foram tomados por construções desordenadas de puxadas para ampliação do apartamento e como também para a criação de lojinhas comerciais, garagens de carro e igrejas. Existem puxadas em apartamento até o 3.º andar dos cinco existentes, é quase um outro prédio colado no outro!

E, por último um fator com imensa relevância é a violência existente no Complexo da Cidade Alta¹⁰, este fato que acompanha a Cidade Alta desde a remoção, porém não de forma tão notória e violenta como nos dias de hoje. O tráfico de drogas e bandidos sempre se fizeram segundo relatos de moradores da 1ª geração presente na localidade, porém com uma espécie de “descrição aceitável” (BRUM, 2012, p. 264) da qual traficante como, Nego exercia, cultivam nas memórias das gerações anteriores, épocas de respeito e um pouco mais de tranquilidade.

2.2 A Paz dos tempos Melhores

Para os moradores da Cidade Alta também há este contraste entre o atual cotidiano de violência e a vida no início do conjunto, que figura, em suas memórias, como uma época de “paz”, “tranquilidade”, e de boas relações de vizinhança. Distinta da condição atual do complexo como um local de violência e criminalidade (BRUM, 2012, p. 259).

Mas liberdade para a Alta eu peço agora a você
Independente que faço vou lutar pra vencer
Plantei boas sementes, pra bons frutos colher
Mas a Cidade Alta é 100% lazer!
(RAP DA CIDADE ALTA-MC Coelho e Dinho)

¹⁰ Denomina-se complexo da Cidade Alta, todos os conjuntos habitacionais existentes, as favelas das encostas, as favelas ao entorno e as moradias existentes nas ruas de acesso à Cidade Alta.

A paz dos “tempos melhores”, atravessam nas memórias dos moradores como tempos áureos de tranquilidade desde a sua fundação em 1969. Nos dois momentos anteriores aqui relatados trazemos em comum o sentimento de que “antes” era melhor, de que a Cidade Alta em algum momento passado foi um lugar bom, de admiração ou aprovação de seus moradores. Mesmo que estes momentos mencionados tanto na época do sucesso da música quanto no exposto pelo autor tragam uma Cidade Alta já estigmatizada pela ação do tráfico de drogas e de uma violência marcada pela criminalidade local, os sentimentos e as emoções que envolvem o lugar estava longe ainda de retratar a dimensão imersa da violência que ainda iria sofrer.

Machado da Silva em seu artigo “Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano” (2004), faz uma discussão de uma sociabilidade oriunda da criminalidade contemporânea que estamos sendo expostos principalmente nas grandes capitais do Brasil com ênfase no Rio de Janeiro, uma nova sociabilidade violenta marcada pela violência e criminalidade que resulta uma nova organização social, um complexo orgânico de práticas e que se formam por sofrerem ações específicas e mais favoráveis daqueles que pertencem às favelas.

...embora a violência urbana seja uma característica geral da configuração social das cidades brasileiras que abrange, portanto, todo o seu território, é mais ou menos consensual que ela afeta mais direta e profundamente as áreas desfavorecidas, especialmente as favelas, provavelmente devido à forma urbana típica desses locais, em geral muito densos e com traçado viário precário, dificultando o acesso de quem não está familiarizado com eles e, portanto, favorecendo o controle pelos agentes que lograrem estabelecer-se neles. Os moradores destas áreas estão, mais diretamente submetidos à violência urbana e, portanto, merecem um comentário especial (MACHADO DA SILVA, 2004).

Assim, longe de uma garantia de integridade e apoio do Estado, as favelas do Rio de Janeiro e em nosso caso a Cidade Alta vem sofrendo com a omissão do poder público embora muitas vezes esse faz-se presente de forma incorreta como veremos um pouco mais adiante, os seus moradores são tomados por sentimentos desestimulantes como abandono, insignificância e medo.

Já vimos, através dos relatos orais ou escritos produzidos pelos moradores da Cidade Alta, que a noção de “abandono do Estado” é muito forte. Ou que, no mínimo, a atuação do estado é lenta e/ou de qualidade inferior às outras partes da cidade. (BRUM, 2012, p. 272).

O lazer, a tranquilidade e a paz que um dia foram capazes de sentir e desfrutar vão se transformando em insegurança, em pavor coletivo devido aos acontecimentos em que estão

sujeitos, e que são capazes de não somente produzir uma sociabilidade violenta como também atingir a própria identidade local, mudando suas características e afetando sua essência.

2.3 Cidade Alta e o Ruído do medo

Doriam Borges em seu livro *Medo do Crime na Cidade do Rio de Janeiro* (2011) faz um estudo sobre o medo do crime através de experiências individuais e coletivas de natureza social, política, histórica e cultural que resultam alterações emocionais.

Essa abordagem teórica muito nos fazem aproximar do contexto e da atual situação social da Cidade Alta. Estampando com frequência manchete de jornais o tripé crime-violência-tráfico (MACHADO, 2004) vem mudando o dia a dia dos moradores e todos aqueles que de alguma forma estão inseridos naquela localidade como: funcionários do serviço público, funcionários do comércio, prestadores de serviço, vizinhança entre outros.

Fazendo uma rápida busca no Google podemos encontrar com facilidade várias manchetes dos últimos acontecimentos envolvendo a criminalidade local: “Moradores da Zona Norte sofrem com tiroteio na Cidade Alta” (g1.globo.com-10/01/2018), “Tiroteio na Cidade Alta deixa Moradores assustados” (Extra on line-10/01/18), “Comando vermelho invade a Cidade Alta e TCP corre para parada de Lucas” (crimenews.rj.blogpost.com 10/01/18). Portanto, notícias assim, fortalecem a fala de Doriam Borges:

O Rio de Janeiro—a internacionalmente conhecida como “cidade maravilhosa”—possui hoje uma imagem de “cidade partida”, resultado do aumento da criminalidade violenta na Cidade, que era percebida pelo carnaval e o samba e que agora o era pela violência. Atualmente o crime violento parece ser praticado em qualquer lugar, a qualquer hora e contra qualquer pessoa. (BORGES, 2011, p. 23).

O fortalecimento do tráfico de drogas, a disputa de territórios cada vez mais, para pontos de comércio ilícito, como venda de mercadorias roubadas e exploração de água/gás/internet, a crise financeira e degradação do governo do Estado são fatores que podemos enumerar que justificam o crescimento da criminalidade nas favelas do Rio de Janeiro.

A Cidade Alta não foge deste contexto. Vive nos últimos anos uma rotina de violência e conflito devido à disputa e guerras de facções, sem dia e hora para acontecer expõe todos a uma violência não muito distante de países em guerra, um armamento bélico invejável até para segurança pública estadual, e uma rotina paramilitar fazem da Cidade Alta hoje, uma localidade de alta periculosidade do Rio de Janeiro.

Segundo dados do dia 18/01/2018 o Instituto de Segurança Pública (ISP) no ano de 2017, as policiais civis e militares apreenderam 499 fuzis no Estado do Rio de Janeiro, o maior índice já registrado na série histórica. São essas armas de guerra que produzem ruídos, são ruídos sonoros e sociais. Os sons dos tiros causam impotência e paralisa quem os ouvem.

O crime organizado estrutura-se e se fortifica pela ineficácia do Estado (MACHADO DA SILVA, 2004, p.7) e não podemos esquecer-nos da prática recorrente de corrupção em instituições públicas, aliás, são, esses fatores que fazem com que as pessoas percam a confiança e esperança que a violência venha a melhorar ou ter uma solução.

Além também da corrupção das forças de segurança que fazem com que suas ações tragam medo e sejam consideradas incorretas (MACHADO DA SILVA, 2004, p.7), pois correto seria sentir-se seguro com a presença de agentes da segurança pública em nossos logradouros.

A violência não é apenas física, mas a insuficiência do Estado resulta uma violência moral, psicológica e generaliza coletivamente um sentimento de insegurança e medo. Quanto mais alto o barulho oriundo da violência urbana, mais alto é o medo. As consequências desse efeito é entender a violência sofrida pelos moradores e afins da Cidade Alta como um fenômeno social que potencialmente vai intervir e modificar as relações sociais, humanas e interferir nos comportamentos modificando o todo.

A exposição à insegurança e a morte, vai resultar uma nova postura nas relações sociais e também o surgimento de uma nova Cidade Alta, assim diante deste cenário apresentado compreenderemos porque o CAFF é uma válvula de escape e, porque contribui para que seja um contrapeso na outra ponta da favela a favor da valorização dos sujeitos.

3 CRUZANDO OLHARES: UM OLHAR LANÇADO SOBRE O FENÔMENO.

Atualmente o complexo da Cidade Alta vive sua fase mais cruel face à violência, disputas de facções transformaram a rotina de todo o complexo. Tiroteios quase diários, como vimos no capítulo anterior, contribuem para a construção em denominar a Cidade Alta predominantemente como favela, porém tudo que foi abordado anteriormente constroem o imaginário da favela vista como uma sucessão de pontos negativos, seja ora pela desordem gerencial, seja ora, pela violência física e moral, os aspectos que envolvem o processo de favelização vivenciados e descritos no campo empírico da pesquisa apontam para questões dicotômicas, onde presenciamos a luta dos contrários: ser favelado x não ser favelado, Conjunto x Favela, estas são questões peculiares desde o seu surgimento.

Toda essa produção de sentidos é reforçada cotidianamente pela imprensa quando aborda as notícias sobre a violência local, como publicou recentemente o jornal O DIA ¹¹

Moradores da favela Cidade Alta, em Cordovil, na Zona Norte do Rio, relatam nas redes sociais um intenso tiroteio nesta segunda-feira. Segundo uma das publicações, a região estaria sendo invadida por criminosos de uma facção rival para tentar tomar pontos de vendas de drogas. Em vídeo postado na Web, os internautas comentam a guerra entre traficantes (Publicado por O Dia às 20h48 02/07/2018)

Talvez seja por este contexto que BRUM (2012) aponta existir o um problema gerencial entre os moradores da Cidade Alta que ora a ver como Favela e ora evita o estigma da favela ou de ser favelado.

No entanto, um olhar lançado no “mundo da vida” me direcionou um novo sentido àquilo que todos (moradores, autores, imprensa) viam como Favela, o problema existente e motivo de indagação, não mais se apresentava para mim da mesma forma.

O olhar direcionado ao fenômeno do CAFF permitiu transcender ao senso comum, e a partir de um olhar do EU PURO pude observar um processo de subjetivação sobre o fenômeno. Mas antes dialogar com o processo de subjetivação do fenômeno, e descrever o que é o CAFF, vamos entender através de um olhar fenomenológico como chegamos até ele.

3.1 Dos times de pelada ao CAFF.

¹¹ Fonte: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/07/5554485-moradores-relatam-intenso-tiroteio-na-cidade-alta.html> . Acesso 13/08/2018.

A primeira percepção do fenômeno do CAFF, foi a sua ampla evidência de sentidos dentro da Favela, o CAFF – CIDADE ALTA FUTEBOL DE FAVELA só tem sentido se nos apropriarmos do termo de forma íntima, buscando uma lógica compreensiva, intencional, doando sentido ao fenômeno o que Husserl chamará de Atitude Fenomenológica (DARTIGUES, 1973, p. 29).

Iremos refletir de forma intencional sobre os motivos que levaram ao surgimento do CAFF e partimos então, não na sua data de fundação em 15 de julho de 2012, pois essa é uma concepção do senso comum¹², mas através de uma concepção de redução fenomenológica transcendental¹³, é feita uma reflexão marcada pela descrição do vivido, o sujeito é colocado no centro da reflexão e buscamos o desejo de voltar “às coisas mesmas”, a origem, doando sentido para o que se busca. Assim, voltamos profundamente na origem do futebol na Cidade Alta, e tentaremos captar seu sentido para o que hoje se denomina o CAFF.

Trouxemos as experiências vividas (inicialmente) por sete moradores, na qual foram colhidas através de depoimentos e entrevistas, registrados por mim, onde a escolha foi dada pela antiguidade local, ou seja, pela época na qual esses sujeitos eram crianças ou jovens que participaram diretamente do período histórico que iremos descrever e também pelo envolvimento direto com os jogos de futebol na Cidade Alta. São justamente esses sujeitos que mergulhados em suas experiências que nos trarão a percepção temporal da realidade, responsável pela constituição do “mundo”, da nossa história, será a subjetividade desses sujeitos aqui descritos, o que denomino como um processo de subjetivação.

Quando um dos fundadores do CAFF, Fábio Reef em seu depoimento nos disse que o CAFF tinha surgido em uma conversa de volta para casa após de uma disputa de jogo de futebol onde tinham três amigos em um carro, mas cada um de times diferentes, surgiu então a questão: “A Cidade Alta tem gente muito boa nos times de futebol, imagina se os melhores estivessem num só time?”, e foi justamente esta indagação que nos leva a entender porque o CAFF é um fenômeno pois, nos remete lá na década de 60 quando a 1ª geração oriunda da remoção como vimos anteriormente se instalou na Cidade Alta e constituiu os primeiros times de futebol do lugar.

¹² Senso Comum: na tradição escolástica e mesmo ainda na filosofia cartesiana, órgão central que unifica as impressões oriundas dos diferentes *sentidos, constituindo a unidade dos dados sensoriais, e portanto, do objeto. Em uma acepção mais típica do pensamento moderno, o senso comum é um conjunto de opiniões e valores característicos daquilo que é realmente aceito em um meio social determinado. “O senso comum consiste em uma série de crenças admitidas no seio de uma sociedade determinada e que seus membros presumem serem partilhadas por todo ser racional” (C. Perelmam). (Jupiassú, H e Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*- 4.º ed, Rio de Janeiro - Jorge Zahar, Ed, 2006).

¹³ Na fenomenologia de Husserl, a redução é um dos procedimentos centrais do método fenomenológico, significando que deve se concentrar a atenção nas coisas mesmas e não nas teorias...A redução Transcendental se dá quando a *consciência engloba as essências e os objetos considerando-os como fenômenos. (Jupiassú, H e Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*- 4º ed, Rio de Janeiro- Jorge Zahar, Ed, 2006).

“A lembrança que eu tenho era do meu pai nos arrumando para assistir os jogos de futebol, lembro que era cheio, e muitas pessoas assistiam pela janela!”. Esse relato é de Samuel Gomes, professor do C.E República de Guiné Bissau, morador do Complexo da Cidade Alta, ex removido do Parque Proletário da Gávea. Os jogos mencionados por ele que era ainda criança na época eram os jogos realizados no Campo do Baiano, uma área localizada onde hoje é a favela da Divinéia, que compõe atualmente o Complexo da Cidade Alta.

Juracy Lourenço ex-moradora, que também foi removida em 1969 do Parque Proletário da Gávea, conta que era criança e que assistia os jogos da sua janela do Edifício Fátima que hoje é ao lado da Igreja Católica Senhor do Bonfim :“Não saia de casa naquela época, me lembro de como ficavam cheias as janelas das pessoas assistindo os jogos do Campo do Baiano, que era atrás do meu prédio, não tinha a igreja ainda, eu ficava na janela vendo”.

Logo percebi que tinha sido alí, a origem do fenômeno que motivou minha pesquisa. A paixão pelo futebol, e o envolvimento dos sujeitos nas lembranças relacionadas ao futebol da época, compreendi que precisava ir mais fundo e buscar o que trazia o sorriso daquela lembrança que parecia feliz e doce nos relatos colhidos. Precisava saber mais sobre o “Campo do Baiano”, sair a procura de sujeitos que pudessem me descrever como era aquele campo e quem era o “Baiano”, foi quando conheci o Sr. Ciro, um senhor muito simpático de 70 anos, ex- removido da Praia do Pinto, atual morador do Complexo da Cidade Alta, e que sempre estava próximo a escola onde dirijo, fui apresentada a ele e para minha surpresa se tratava de um pai de um conhecido meu, mas o Sr. Ciro foi realmente uma valorosa peça para entendermos o que acontecia no Campo do Baiano, pois ele foi um dos percursores dos jogos no campo.

“Lembro do Campo do Baiano, era um lugar ... uma espécie de vale, tinha os morros em volta que ficavam cheios de gente assistindo os jogos.” Sr. Ciro relatou que o baiano era o nome do rapaz que tomava conta do campo. O Sr. Erinaldo Mendes, que comprou um apartamento na Cidade Alta no ano de 1972, conta que quando chegou na Cidade Alta o Campo do Baiano estava no auge :

Era muito cheio, tinha vários times que jogavam no campo do baiano, na época só tinha a casinha com o comércio do baiano no local, era que tomava conta, depois não sei o que houve, foram construindo mais casas, mais casas, até que o campo ficou tomado por barracos.

O Campo do Baiano virou uma espécie de lazer e entretenimento daquelas pessoas removidas, pois quando chegaram na Cidade Alta não havia mais a praia para diversão, os cinemas e os atrativos da Zona Sul, além de muitos laços de amizades que também tinham

sido desfeitos em consequência daquela remoção (BRUM, 2012,p.133), portanto havia um distanciamento natural entre os moradores oriundos de diversos lugares, e de diversas favelas (BRUM,2012,p.165), os primeiros moradores sentiram esse vazio como relata o Sr. Ciro: “Não tínhamos muito o que fazer, então organizávamos jogos de futebol, eu tinha o meu time que se chamava os Gaviões!”.

Ex-morador do edifício Lucas, e hoje professor do Colégio Estadual República de Guiné Bissau Luiz Gonzaga Bonella, lembra também do ponto de encontro que era o Campo do Baiano: “Me lembro do campo do baiano, joguei muita bola lá, o nome do comércio do bairrinho se chamava CANTINHO DA SEREIA, até quando não tinha jogos nos reuníamos para beber lá, íamos de noite para lá”.

O futebol na Cidade Alta tem a sua história precedente na própria história do lugar, vai surgir de uma necessidade daqueles sujeitos locais em se relacionar, em superar sua dor, em tentar de alguma forma se entreterem face a adversidade em que foram submetidos. Logo então surgiram diversos times de Futebol que faziam do Campo do Baiano um espetáculo, um entretenimento coletivo, aguardado, esperado por todos que viviam ali.

“Era um verdadeiro estádio, pois, eram torcedores em cima dos barrancos, posicionados nas laterais do campo e atrás dos gols, era muita gente!”, relato do Sr. Ismael Prado, 61 anos, removido do Parque Proletário do Leblon quando tinha 12 anos de idade.

3.2 Dos times do Campo do Baiano ao Maconhão

Antigamente era assim... Antigamente era assim com os pés descalços ou um tênis velho surrado e um campo de futebol de chão batido no meio do nada...

Cabelos e trajas rebeldes como era o espírito jovem da época... A liberdade assumia a sua identidade em cada rosto, em cada sorriso, em cada abraço... Jogava-se bola por prazer... Corria-se atrás da bola, mas o tempo corria bem mais acelerado. As almas foram se desprendendo das peripercias juvenis... Restaram lembranças de um quebra cabeça que, após poucos, teimamos em juntar suas peças... Antigamente era assim...

Marcellos C. Henrique–06/04/2017

“Você não pode deixar de falar nos Gaviões! Ele não era tão famoso quanto os outros, mas foi meu time, eu criei ele junto com alguns amigos, todos eram pessoas bacanas, gente de bem. Era uma época muito boa aqui da Cidade Alta”. O Sr. Ciro fala saudoso

daquele tempo em que era jovem e jogava no antigo Campo do Baiano, onde os times de futebol criado pelos próprios moradores foi por um bom tempo e veremos mais adiante que se estende até os dias de hoje, uma forma de diversão dos moradores da Cidade Alta.

Entre os times que existiam temos: União Futebol Clube, Gaviões, Time Brasil “show”, Expressinho, Sepetiba, Estrela Dalva, União F.C e o Nova Geração faziam a alegria dos dias de domingo, onde eram disputados lugares entre as janelas dos edifícios Lucas, Fátima e Guadalupe. “Éramos parados por torcedores moradores dos conjuntos, como verdadeiros ídolos”, conta Sr. Ismael Prado, também conhecido como “Maeco”. Porém, anos mais tarde aproximadamente por volta do ano de 1981 o Campo do Baiano já não existia mais. Há certa controvérsia em relação a total inexistência dos jogos de futebol neste local, aquele descampado de terra batida tinha sido tomado por um aglomerado de barracos formando a favela da Divinéia. Luiz Gonzaga, relata sobre o fim do campo : “foi o acidente que ocorreu em um dos barrancos, caiu uma parte do barranco em cima de um barraco, parte do campo de baiano ficou interditado a partir de então.”

Gilberto Miranda, 58 anos, oriundo do Complexo da Maré, conta que o acidente não foi a principal causa, mas sim a construção dos barracos naquela área.

A favela tomou conta do Campo do Baiano porém, os jogos não acabaram junto com o campo, pelo contrário, acharam logo um outro lugar que pudesse substituí-lo, a princípio existia também um campo de terra batida atrás do edifício Sumaré, e outro campo onde hoje é a quadra de escola de samba (abandonada) do Independente de Cordovil. Porém, foi em um descampado na avenida Brasil, onde fica o retorno que compõe o trevo das Margaridas que foi o campo eleito para as partidas de futebol já na década de 80, o famoso “Maconhão”. Perguntei ao Sr. Ciro se ele tinha também jogado no Maconhão e ele curiosamente me respondeu: “Não!!! Nós (gaviões) não fomos para lá, quando acabou o campo do baiano, o time acabou também, meu time só tinha pessoas de bem, trabalhador, não fomos, com esse nome você imagina...”. O Sr. Ciro em seu depoimento nos deixa o entendimento do comportamento que os sujeitos já estavam sofrendo, contrastes expostos em ser ou não pessoa de bem. O “maconhão” ganhou este nome como conta um anônimo depoente: “a turma que gostava da erva, enquanto aguardavam a vez de jogar, fumavam para dar um “up” e o cheiro tomava conta do ambiente”.

Curiosamente outros espaços já mencionados funcionavam com seus jogos regularmente, neste momento o futebol na Cidade Alta já era o entreterimento favorito pela juventude local, times disputavam campeonatos durante todo o ano. Esses times já possuíam nesta altura, nomes, escudos e uniformes.

E, o precursor Baiano, veio a falecer vítima da violência local, sua família pouco fala sobre o ocorrido.

Figura 1 – Campo do Baiano ano 74



[31/8 19:23] Antonio Gripo: Seu Antônio, Carlinhos, Nei, Pedrinho, Nicanor, Boletinho. Agachados: tonho, Pedro Paulo, Tainha, e o Marcos. Foto: Antônio Abranches

Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70

Figura 2 – Campo do Baiano ano 1973



Time Brasil: Tainha Maninho, Marco - sem camisa, atrás do Maninho – Beto com Marquinho no pescoço, Bêco, Mário Cuca. Sentados: Marco irmão do Marcelo. Agachados: Osmar – falecido, Tonho, Nicanor. Deitado: Nei, Carlinhos gordinho. Ao fundo: os edifícios Fátima, Guadalupe e Lucas. Marco sem camisa ainda tem o de bermuda branca,. O Fê e o Carlinhos Magrinho, morador do edifício Lucas.

Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70

Figura 3 – Campo do Baiano ano 1973



De pé: Marcos, Beto, Osmar, Tonho e Seu Boletinho. Agachados: Maninho, Tainha, Maeco e Nicanor.

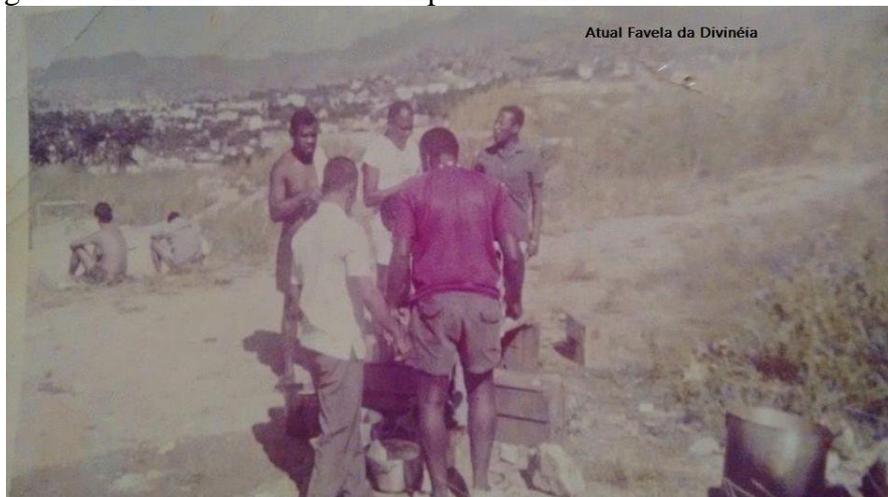
Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70

Figura 4 - Jogando no campo da Chácara



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 5 - Ao fundo a vista do campo do baiano



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 6 - Campo do Maconhão



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 7 – Futebol na Av. Brasil



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 8 - Futebol na Av. Brasil – Anos 70



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 9 – Futebol Ano 90 – Branco Patrícia



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 10 - Escudo do time União



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 11 – Post 28/08/18 Gilmar Coelho



Ponto Final... isso não é só um time, é minha família
 Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 12 – Campo da Cintra - Marco Andrade



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

3.3 Escolinha Rio Verde

No fim da década de 1980, surgiu uma escolinha de Futebol, chamada Rio Verde, idealizada por Jorge Luís Santos, o KiKi como era conhecido, foi iniciada por uma grande vontade pessoal de ensinar futebol para a garotada que encontravam-se em vulnerabilidade na época e também formas equipes infantis e juvenis que pudessem disputar campeonatos esportivos fora da Cidade Alta.

A Cidade Alta por volta da década de 1990 já tinha o tráfico de drogas consolidado no local (BRUM, 2012, p. 270), se distanciando daquele ambiente (recém criado, novo, ingênuo), o lugar já começava a apresentar alguns problemas considerados socialmente (inclusive por parte dos moradores) como típicos de favela, tais, como: confrontos armados, insegurança, furto de energia, drogas ilícitas, criminalidade. A degradação do ambiente torna-se uma preocupação principalmente para os pais, que temem que seus filhos possam se envolver com o perigo que os cercam (BRUM, 2012, p. 187). As brincadeiras de golzinho, as peladas nos campos de várzeas¹⁴ da Cidade Alta, o futebol brincado na rua, não eram mais ambientes seguros e despreocupantes.

Assim, neste contexto de insegurança, e ainda longe de uma política pública que interviesse nas questões expostas ou ainda outra forma segura de entreterimento aquela garotada, eis que surge a *Escolinha do Kiki*, uma escolinha de futebol que ‘tira’ aquelas crianças das ruas e as leva para um ambiente mais ‘seguro’, que pudessem também ocupar o tempo daqueles jovens. Deste modo, foram meninos entre 7 e 16 anos que utilizavam uniformes verdes que foram além do concreto dos prédios da Cidade Alta para um novo “mundo”. Frutos da 3ª geração, nascidos na Cidade Alta, os meninos do Rio Verde levam o futebol, aprendido desde crianças e jogado há décadas na Cidade Alta para disputas fora do local, por toda a região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Embrião do CAFF, a Escolinha do Kiki fez parte do universo de muitos jovens que buscavam a escolinha por variados motivos, ao longo da década de 1990, como relata Leandro Lourenço, 40 anos, pertencente à 3.ª geração “Entrei acho que com 11 ou 12 anos de idade, já jogava bola na Portuguesa da Ilha... Eu gostava, o Kiki nos levava para jogos fora da Cidade Alta”.

Jorge Alberto, 43 anos, jogou na escolinha nos anos de 1990, 1991 e 1992 e lembra com saudosismo aquela época que a torcida do time cantava as musiquinhas nos jogos e pontualmente de um jogo que o time foi campeão no Parque Suécia, lugar localizado município de Belford Roxo–RJ. Neste jogo Jorge Alberto conta que eles eram o time azarão, que inclusive rolava a aposta de que não ganhariam aquele jogo.

Muitos pais também procuravam matricular os filhos, e os acompanhavam em dias de jogos, segundo Maria Rodrigues, 64 anos, ela era uma dessas mães que acompanhavam e ajudavam no que fosse preciso. Em dia de jogos saía o ônibus da Cidade Alta com os jogadores e com a torcida também, compostas por pais, responsáveis e amigos, apesar de bastante adesão da juventude, era uma torcida restritamente familiar.

¹⁴ Os campos de Várzeas no futebol são conhecidos, como campos de terras batidas, geralmente localizados em periferias, onde é jogado as peladas ou o futebol amador.

Logo no início, os treinos eram em um espaço descampando na rua Cinco Rios, que servia também como quadra esportiva da Escola Municipal Armando Farjado e onde hoje é a quadra comunitária da Cidade Alta.

Naquela época só existia uma quadra com uma pequena arquibancada de dois degraus, como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 13 – Cidade Alta Anos 80 – Quadro Adriano Silva



Fonte: Fonte: imagem do acervo Geração 70

Figura 14 - Quadra da cidade alta ainda no chão de terra



Fonte: Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Foi então devido necessidade de melhor desenvolver o seu trabalho, que Kiki começou um projeto para melhorar aquele espaço onde treinavam e transformá-lo em uma quadra esportiva, alguns moradores locais em seus depoimentos contam ele recebeu apoio do tráfico local para o projeto, outros dizem que recebeu ajuda de um deputado estadual. De qualquer modo, ele conseguiu realizar melhorias na quadra, sendo ela inaugurada em pouco

tempo, em 1989. Conforme observamos na foto a seguir, ao fundo está o escudo do Rio Verde e na lateral os dizeres: “patrocinado pela comunidade”.

A escolinha do Kiki, curiosamente não se restringiu somente ao futebol masculino, devido ao seu sucesso, formaram-se times de futebol, handebol e vôlei feminino, o que na época passou a ser o ponto de encontro da juventude da década de 1990, e uma ruptura da hegemonia do futebol masculino na Cidade Alta.

O Kiki morreu brutalmente assassinado no final da década 90 em seu próprio bairro (Cordovil), e seu projeto das escolinhas esportivas não seguiram adiante sem o seu mentor, mas deixou, além das lembranças de bons momentos naquela juventude, o legado da quadra esportiva que foi e ainda é palco de importantes eventos na história da Cidade Alta e também, como veremos no capítulo a seguir, será palco também de protagonismo do CAFF.

Figura 15 - Quadra da Cidade Alta reformada ainda descoberta



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 16 – Time da Escolinha Rio Verde



Wallace, Thaca, Wilson, Ângelo, Raul, Keke, Wesley, Nenem, Jaenderson, Leandro só esqueci o do lado do leandro

Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

3.4 Futebol das Piranhas

Aguardados pelos peladeiros da Cidade Alta, o futebol de fim do ano, era um “evento” à parte, conhecido como “futebol das piranhas”, esses jogos ocorriam sempre no dia 31 de dezembro, onde os homens se vestiam com roupas femininas, se maquiavam exoticamente e saíam à rua para jogar bola.

A finalidade destes jogos eram apenas festivas pois, por se tratar do último dia do ano, era uma forma de começar as comemorações mais cedo. Era uma grande brincadeira que sempre terminavam com música, churrasco e bebidas. Com vestidos, saias, brincos, blusinha, perucas e muito batom jogavam bola de forma descontraída, uma confraternização, animada, divertida e tradicional na Cidade Alta.

Cada localidade na Cidade Alta possuía sua própria pelada, divididos pelos *pedaços*, simultaneamente vários jogos de futebol aconteciam no mesmo tempo pois, a disputa entre eles não eram a finalidade do jogo, existia o futebol das piranhas do Ponto Final, da Frente Fria, da Praça Cinco Rios, da Praça Dom Justino (Igreja), da Rua H entre outros.

A noção de *Pedaço*, por exemplo, supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles. (MAGNANI, 2002, v.17, p.21)

Patrick Jesuíno, 33 anos, que jogava no Ponto Final relata: “*Lembro de dar várias voltas com meus amigos pra cumprimentar o pessoal jogando em outro futebol no mesmo bairro, e da sensação de estar passando por mais um ano bem!*”.

Assim, não disputavam entre eles e cada grupo brincava com seus próprios times, que através dessas brincadeiras vinham o fortalecimento dos laços que os uniam. Mesmo aqueles que não jogavam iam para assistir a brincadeira, pois se divertiam muito com aquilo, criavam-se uma grande expectativa para saber como estariam vestidos os amigos. Era o momento está com os mais chegados.

Pergunto ao Patrick o que ocorria após os jogos? E, ele responde:

Essa era a melhor parte, quando nos reuníamos, (uns ainda estavam vestidos de mulher outros não) para beber e comer o que tínhamos inteirado comprar, para celebrar com os amigos a última festa daquele ano. Comíamos, bebíamos, dançávamos e até tomávamos banho no meio da rua, para amenizar o calorão do verão de dezembro, isso até o cair da noite quando era a hora de celebrar a virada com os familiares.

Criou-se uma tradição que até os dias de hoje é possível ver no dia 31 de dezembro em algum lugar da Cidade Alta, os jogos das piranhas de fim de ano, porém não com a

intensidade de times e pessoas que existiam alguns tempos atrás, mas ainda é possível na véspera do ano novo ver pessoas aguardando desfile de modelitos criativos, que pegam de seus familiares (mãe, avó, esposa e namorada) e se divertem com essa tradição.

Ao lembrar dos antigos jogos em suas modalidades festivas, percebemos um peculiar sorriso na face, que reforçam a ideia de uma lembrança doce, ligadas às suas origens, e que reforçam cada vez mais ao longo da pesquisa o pertencimento dos sujeitos nas atividades futebolísticas da Cidade Alta.

Figura 17 – Futebol das Piranhas – anos 80



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 18 – Futebol das Piranhas – metade dos anos 80



Raridade: futebol das piranhas na metade dos anos 80. Na foto: Chaveiro, Beto, João Faustino, Jaime com a câmera, Murilão, Marcellos, Parreiras e Mailton
Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70.

Figura 19 – Futebol das Piranhas anos 90 – Ponto Final. Marco Andrade



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70

Figura 20 – Futebol das Piranhas



Fonte: MarcoAndrade.

Figura 21 – Futebol das Piranhas



Fonte: imagem do acervo Geração Cidade Alta anos 70

4 CRUZANDO OLHARES - O CAFF

“Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê...
 A Cada dia te quero mais
 Sou Cidade Alta
 O sentimento não pode acabar
 Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê, Olê...”

A canção acima ecoa nas vozes de aproximadamente 3 mil torcedores que estiveram naquela final do 9º *Campeonato de Pelada Extra*, de 06 de dezembro de 2015, no Aterro do Flamengo, um campeonato realizado pelo jornal Extra com o patrocínio de marcas como: Itaú, Unimed e Prezunic, fez do templo dos peladeiros cariocas uma festa jamais vista pelos moradores da favela da Cidade Alta. “*Ali eu vi o amor que a comunidade tinha pela equipe, ali foi um encontro das pessoas que até mesmo não morava mais na Comunidade*” relata Sylvio Bismark, o Bibi, que foi da diretoria, em seu depoimento sobre o CAFF.

Mas afinal, o que é o CAFF? O CAFF é o Cidade Alta Futebol de Favela, um time de futebol amador society¹⁵ oriundo da favela da Cidade Alta. Em que o fato da Cidade Alta ser *favela* é tratado não como um problema ou um estigma, e sim como algo que fundamenta uma identidade positiva e motivo de orgulho, sendo este time gerado com o DNA dos favelados removidos. Assim, a história do CAFF traz todo sentido simbólico existente neste fenômeno.

O detalhamento dos depoimentos, do material recolhido, do dia a dia da vida dos sujeitos, retratam a percepção dos entrevistados, moradores ou ex-moradores, que temos do fenômeno apresentado, são através das experiências subjetivas que coletamos a história e a entendemos.

A observação participante pode ser conceitada como uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo, a participação nativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental (MOREIRA, 2002).

Se o nascimento do CAFF foi em 2012, ele foi gerado antes, ao longo da trajetória da Cidade Alta com os times de futebol existente no Campo do Baiano, como vimos, e com seu desenvolvimento embrionário na escolinha do Rio Verde. De modo que o CAFF nasce de uma grande “árvore genealógica” do futebol da Cidade Alta, através de seus times de futebol,

¹⁵ O futebol society é gerido no Brasil por dois grupos, responsáveis pela promoção e fiscalização de eventos, bem como pela manutenção das regras. Essas entidades são a CBF7S, Confederação Brasileira de Futebol Sete Society, e a CF7, Confederação de Futebol 7 do Brasil. (<https://regrasdoesporte.com.br/futebol-society-regras-taticas-regulamento-medidas-e-dimensoes.html>)

das peladas e também dos jogadores que lá moraram, como de Júlio Cesar Uri Geller, 63 anos, ponta-esquerda, ex-jogador do Clube de Regatas do Flamengo e da Seleção Brasileira, das décadas de 70 e 80, que foi removido da Praia do Pinto. Marcelo Ribeiro, 51 anos, Meio-campo, ex-jogador do Fluminense e também do clube de regatas do Flamengo, na década de 90. Nicanor ex-jogador lateral esquerda da Portuguesa da Ilha, vizinho de Júlio César. São alguns notórios nomes que fazem do lugar místico em relação ao futebol.

Um dos exemplos dessa linhagem são os quatro troféus exibidos na sala da direção do C.E República de Guiné Bissau de torneios colegiais de futebol conquistados pelo Colégio, assim como até hoje existem torneios e campeonatos locais com os times existentes na Cidade Alta, e foi justamente em uma volta de campeonato que um grupo de amigos comentaram um com os outros: “A Cidade Alta tem gente muito boa nos times de futebol, imagina se os melhores estivessem num só time?” e, foi dessa conversa que nasceu o CAFF, um time único, com um propósito de uma camisa única.

A ideia inicial era reunir os melhores jogadores de cada time para a formação da sua equipe, Fábio Reff, morador da Cidade alta e um dos idealizadores e fundadores do CAFF, relata: “*a ideia era formar mesmo uma seleção, os melhores dos melhores*”.

E, a partir dali tudo se concretizou, estava formado o então Cidade Alta Futebol de Favela, ou simplesmente o CAFF, como ficou conhecido, e sem querer mudar nenhum sentido, ou compreensão sobre a origem do nome, trago as palavras descritas em sua página oficial nas redes sociais:

O nome foi uma estratégia de unir todos em prol de um objetivo: representar as cores de nossa comunidade e expandir o nosso nome no cenário do futebol, pois somos celeiros de muitos jogadores inclusive de alguns com passagens expressivas em times de ponta do futebol profissional.

Já as cores amarelo e azul da sua camisa fora inspiradas no Boca Juniors time da primeira divisão argentina.

Como qualquer início a visibilidade e o sucesso do time não foi imediato, mas aos poucos o CAFF começava e reunir adeptos que compartilhavam os mesmos gostos e os mesmos interesses no futebol, a Cidade Alta já carregava isso em seu DNA, só entenderemos portanto, a magnitude do CAFF se nos atentarmos ao cruzamento de olhares do passado e do presente. Lembremos que lá no embrião do CAFF, a Escolinha do Kiki, existia um time de futebol feminino e esse time vai ressurgir no CAFF, as equipes femininas surgem em diversas idades e também saem à luta da disputa de campeonatos e do reconhecimento local. Não posso deixar de falar sobre a *Emanuelle Machado*, uma menina que adorava jogar futebol, e jogava no time feminino do CAFF, acompanhava sempre que podia (quase sempre) os jogos quando não jogava, torcia, torcendo muito auxiliando nos instrumentos ou cantando bem alto.

Fazia da camisa do CAFF sua vestimenta preferida. Infelizmente Manu, era como chamada carinhosamente por todos, veio a falecer no ano de 2018, com 26 anos e a última foto tirada em nosso torneio de futebol escolar, ela estava vestida com todo uniforme do CAFF. Sua partida foi muito sentida por todos envolvidos com o CAFF, sendo publicado uma nota de grande pesar em sua página oficial.

O CAFF vai crescendo e percebendo o que é potência, e transcende o futebol, forma-se um time de basquete do CAFF, onde o primeiro torneio disputado realizou-se na quadra da Cidade Alta, com presença de “times de fora”¹⁶.

Os sujeitos começam reconhecer hoje aquele mesmo desejo existente no passado de estar com os amigos, daquele mesmo desejo da disputa, do reconhecimento local que os jogos proporcionavam desde aquela época.

4.1 O retorno da favela

Uma questão me chamou atenção desde o início da pesquisa, foi a utilização no nome Favela na composição do nome dado a equipe de futebol, pois como já mencionamos os moradores “originais” da Cidade Alta tem em suas lembranças um conceito de favela bem próximo ao de Licia Valladares (VALLADARES, 2005, p. 37), apesar de algumas “casas” não serem completamente “barracos” de madeira, mas uma junção de alvenaria com madeira como relata Juracy Lourenço ex-moradora removida do Parque Proletário da Gávea: “ ...A sala e os quartos eram de alvenaria, a cozinha era uma parte de madeira e as laterais (cercadinho bonitinho) de madeira também onde tinha uma plantação, o piso da sala era um cimento vermelho, chamávamos de vermelhão! e os quartos umas tábuas enceiradas, era bonito, a casa era uma das primeiras próximo a rua...”.

Com a remoção, o lugar passa a ser chamado de conjunto, pois, de longe lembrava “ a realidade muito diversa do fenômeno que esteve em sua gênese”(VALLADARES, 2005, p. 153), os prédios que formam a Cidade Alta é um projeto de construção profissional, idealizada por um arquiteto e legalizada pelo Estado. Considerando ainda a construção interna da ideia de favela que paira sobre o local, tratada em que trabalhos anteriores, como os de Nonato (2002) e Brum (2012).

Portanto, a geração que fundou o CAFF ou que compõem as equipes não tem memória dessa *favela* que mencionamos aqui, e que por um bom tempo ficou omitida em discursos pelos seus pais e avós. Porém, já no final da década de 1980 com fatores explícitos de degradação local e a formação da Cidade Alta também como um de complexo de favelas que tinham ao seu entorno que, o conceito de favela surge novamente.

¹⁶ Entenda-se time de fora, aqueles times que não pertencem a localidade e as adjacências de Cordovil.

A ocupação das calçadas eliminou os jardins que embelezavam o local ao mesmo tempo, em que transformavam em “becos” as vias internas da Cidade Alta, sendo mais uma evidência física do processo de favelização. (BRUM, 2012, p. 291)

Não só uma degradação física de becos, lixos e “gatos de luz” como também uma degradação pela falta de atuação do Estado e da propagação da violência local. Porém, esse novo conceito de favela é marcado não mais pelo estigma da miséria, ou da insalubridade, mas é marcado com o estigma da marginalidade, do ambiente perigoso:

...características físicas do local encontram-se relacionadas diretamente à percepção do risco, na medida em que existe maior degradação: prédios abandonados, lixo acumulado, pichações, etc. (BORGES, 2011, p. 115-116)

A incivildade, o aumento de crimes no entorno, bandidagem, tiroteios fazem surgir um novo contexto de favelas mais firmes ainda nos dogmas (VALLADARES, 2005, p. 255) do reduto de ‘problemas sociais’. As 3.^a e 4.^a gerações da Cidade Alta são contemporâneas do exposto estigma de favela, carregado ainda de preconceito, segregação e discriminação.

A violência foi apontada pela pesquisa de Mário Brum (2012) como a principal característica de favelização da Cidade Alta ultrapassando até a percepção sobre “as puxadas dos prédios” tão criticada pelos primeiros moradores e também fator de contribuição para favelização, portanto: “a violência urbana derivada do tráfico, fortemente associada à condição de favela, foi mais um elemento que as novas gerações tiveram que lidar”.

Logo, partindo desse recorte de que como as mais novas gerações (3^a e 4^a) combateram o estigma da Favela, busquemos auxílio à redução fenomenológica, para transcender o senso comum, e ir além do que pareceria o óbvio. Aceitemos o desafio de entender a favela que se revela em nossa contemporânea realidade.

4.2 Compreendendo o processo de subjetivação

Voltando a uma questão feita lá na introdução desta pesquisa, pergunto: *Quais eram os fatores que resultavam um processo de subjetivação local?* Chama muito a atenção como o CAFF está presente no dia a dia da Cidade Alta, não é apenas uma questão da identificação inata dos sujeitos com o futebol como vimos anteriormente, mas existem fatores que estão para, além disso, que os tornam como uma espécie de identidade local.

A roupinha de um bebê, a mochila de uma criança, o vestido da adolescente, a camisa do idoso, a festinha de aniversário de um menino são fatos que nos fazem refletir como existe uma ligação íntima das pessoas com o CAFF. Até unhas personalizadas eram feitas para os dias de jogos.

Se olharmos atentamente no campo de pesquisa percebemos as cores amarela e azul presente no dia a dia através desses sujeitos, nos defrontamos com gestos, ações, atitudes que valem uma demonstração de afetos, ressalto que a percepção não é uma generalização pois, seria radical, mas verificações sobre o objeto, sobre fatos que representam a realidade.

Sendo atualmente diretora do C.E República de Guiné Bissau, constantemente chamo a atenção dos alunos para a importância do uso do informe escolar, por se tratar de uma escola noturna de ensino médio em uma área conflagrada pela violência, o uso do uniforme escolar torna-se uma necessária medida de segurança para os mesmos porém, brinco com eles dizendo: “se o uniforme fosse a blusa do CAFF “todos” estariam uniformizados!”.

A vivência naquele ambiente escolar é diário e, são jovens e adultos (a partir de seus 15 anos) que potencializam essa percepção de afetividade, que não é estigmatizada por gênero. Depois de chamar a atenção do aluno João Victor Amorim, 19 anos, estudante do 2 ano do ensino médio, pela falta do uso da blusa do colégio, perguntei quantas blusas do CAFF ele tinha, e ele respondeu: “Duas! Uma camiseta e uma blusa branca”. Perguntei para ele porque ele comprava as camisas do CAFF? E, a resposta com um sorriso no rosto foi simples e direta: “Porque é a camisa da minha favela!”.

Neste dia tirei fotos de alguns alunos que estavam com a camisa do CAFF no colégio, vejamos abaixo:

Figura 22 - Alunos com a camisa do CAFF no colégio



(1) Victor Amorim. (2) Henrique dos Santos (3) e (4) Daniel Alexandre com a camiseta da CAFF, na aula de educação física, junto com seus colegas uniformizados.

Fonte: Fabiana Lourenço, 2018.

Cada jogador que desponta no time da favela é um “herói” de chuteira pois, é aclamado pela artilharia, ou aclamado pela defesa, é reconhecido pelo seu feito, é o herói da

favela e quem sabe poder também despontar em um clube de futebol profissional, haja visto a visibilidade do futebol de favela nos últimos tempos.

Para a favela o CAFF não é surpresa, é cria dela, em sua temporalidade se faz presente e tem o reconhecimento local, porém, em sua trajetória a favela começa a ficar pequena para ele, o CAFF começa a crescer como um filho que recebe muito afeto e é muito alimentado, cresce e rompe o cordão umbilical, então já fora da favela, consegue fazer um feito onde jamais será esquecido pelos moradores locais, pela primeira vez um time de futebol amador da Cidade Alta é pauta de matéria de um jornal e concorre ao título do *9.º Campeonato de Pelada Extra*.

Naquele festivo Domingo, o título infelizmente o CAFF não levou, mas sua torcida ganhou um inédito prêmio de R\$ 30.000,00 (Trinta mil reais) destinado à melhoria e reforma da quadra onde treina a equipe. O valor deste prêmio foi imensurável para o CAFF e sua torcida que reconhecia a importância da quantia para a reforma da quadra, mas principalmente o fato de terem alcançado o feito de levar o time aquela final e de terem chegado até lá, não se mede, são experiências subjetivas.

O prêmio desdobrou-se em um grande valor emocional, em uma grande esperança que grandes feitos poderiam ser realizados a partir dali, muitos campeonatos, torneios estavam pela frente.

Todos os torcedores do CAFF acompanhavam ansiosos a revitalização da quadra esportiva oriundo da premiação do ano de 2015, em meados de 2016 a quadra já estava toda pronta. Motivados pelas conquistas, o CAFF brilhantemente ascendeu nos campeonatos em que era inscrito. Vejamos a lista destas premiações:

4º Lugar - Champions League - Nova Holanda 2012/2013

1º Lugar - Taça PJJ - Cidade Alta – 2013

2º Lugar - Campeonato de Pelada do Jornal Extra – 2015

1º Lugar - Challenge Pré Municipal da Liga Rio de Janeiro de Futebol 7 – 2016

2º Lugar - Municipal 6ª Divisão da Liga Rio de Janeiro de Futebol 7 – 2016

1º Lugar - Metropolitano 5ª Divisão da Liga Rio de Janeiro de Futebol 7 - 2016

1º Lugar - Interligas 4ª Divisão da Liga Rio de Janeiro de Futebol 7 - 2016

1º Lugar – Municipal 3ª Divisão - 2017

3º Lugar Metropolitano - 2ª Divisão - 2017

2º Lugar da Interligas - 1 Divisão - 2017

1º Lugar – Copa ABANERJ Sub 09 -201

Figura 23 – Domingo de festa e título

Sexta-feira, 4 de dezembro de 2015 extra.globo.com **JOGO EXTRA (9)**

Pelada Extra

Domingo de festa e título

Cidade Alta e Só Cachaa disputam a grande final, no Aterro, em uma manhã de festa, com preliminar entre artistas e ex-jogadores

Uma grande final do 9º Campeonato de Pelada EXTRA será no domingo, numa festa no Aterro do Flamengo, templo dos peladeiros, a partir das 9h. Cidade Alta Futebol de Favela e Só Cachaa decidem o título, às 11h30, e a promessa é de invasão e muita gente na grade do campo 3, onde a bola vai rolar.

Tanto Cidade Alta, de Cordovil, como Só Cachaa, de Bento Ribeiro, tiveram suas torcidas como atrações que sacudiram a competição. A galera chegou aos locais dos jogos em ônibus alugados, vans ou distribuídas em vários carros. Fogos, barucadas e muito barulho marcaram as vitórias das duas equipes na caminhada até a grande decisão. Vários torcedores são esperados para transformar o Aterro do Flamengo num verdadeiro estádio.

O EXTRA distribuirá prêmio de 30 mil reais às três melhores torcidas, destinadas à reforma dos campos de suas respectivas equipes.

A classificação dos dois times para a final foi muito parecida. O Só Cachaa eliminou o São José de Ramos, atual campeão, nos pênaltis, enquanto o Cidade Alta superou o Santos Melo da mesma maneira.

Anderson José, goleiro do Cidade Alta, foi o grande herói na conquista da vaga na decisão do campeonato. Caíu, como os companheiros

chamam o jovem de apenas 19 anos, defendeu dois pênaltis e saiu nos braços da enorme torcida. Ele foi contratado justamente após vencer um torneio em cima de sua atual equipe.

— Batalhamos muito! Me machuguei para fazer algumas defesas, estou todo marcado, mas valeu a pena. Ser carregado pela comunidade é uma emoção única — agradeceu o goleiro, lembrando os momentos difíceis. — Nas quartas de final, falhei em dois gols, recebi críticas e agora mostrei por que defendo o Cidade Alta.

Além do título, Caíu pode

Atrações
O ex-zagueiro Gonçalves e o ex-atacante Donizete entrarão em campo

ganhar o prêmio pela defesa menos vazada da competição. O Cidade Alta é o time que levou menos gols, com oito sofridos, seguido pelo São José, que sofreu dez. Já o Só Cachaa conta com o atacante Vagner Martins, autor de sete gols e vice-artilheiro do torneio, dois atrás de Victor Lima, do eliminado Só Cria do Santo Amaro.

Antes da decisão, artistas e ex-jogadores mostrarão seus talentos com a rebolada. A pelada, que será às 10h15, terá Heitor Martinez, Bruno Gissoni, Thierry Figueira e Felipe Simas, além do ex-zagueiro Gonçalves e o ex-atacante Donizete Paes, entre outras atrações. Na abertura do evento, São José de Ramos e Santos Melo brigará pelo bronze, às 9h.

O Campeonato de Pelada é uma realização do EXTRA, com produção da Abadai Eventos e patrocínios de Unimed, Itaú e Preznuc. z



O goleiro Caíu, do Cidade Alta, defendeu dois pênaltis e garantiu a vaga na esperada final

A RODADA DO FIM DE SEMANA

DIA 6/12 - DOMINGO
Local: Aterro do Flamengo - Campo 3

27 e 48 LUGARES		
São José de Ramos	<input type="checkbox"/>	Santos Melo F.C. 09:00
Time dos Artistas A	<input type="checkbox"/>	Time dos Artistas B 10:15
FINAL		
Só Cachaa	<input type="checkbox"/>	Cidade Alta Futebol de Favela 11:30

Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 24 – Gordinhos deitam e rolam

JOGO EXTRA (9)

Pelada EXTRA

Gordinhos deitam e rolam

Jonathan e José, do Cidade Alta Futebol de Favela, mostram que estar acima do peso não os impede de ser decisivos

Nas peladas, a zoação corre solta em cima dos gordinhos e o preconceito é geral, mas muitas vezes são eles que decidem. O atacante Walter, que vive em briga com a balança, calou o Miracaná ao fazer o gol da vitória do Atlético-PR sobre o Fluminense, seu ex-clubes, no sábado. Horas antes, no Campeonato de Pelada EXTRA, os forrinhos Jonathan Silva e José R. Nascimento se vingaram das brincadeiras com grandes atuações na goleada do Cidade Alta Futebol de Favela, por 7 a 0, sobre o Sapê Esporte Clube, em Rocha Miranda.

— Gosto quando eles me provocam e dizem que é para deitar o gordinho jogar. Fico mais à vontade e me dá mais força. Fiquei muito feliz pelo gol — disse o atacante Jonathan, 26 anos, com a alma lavada pela vitória e por ter balançado a rede contra o Sapê.

Mais velho que seu companheiro, Zé Roberto tem 35

anos e mostrou mobilidade, com dois gols e muitas assistências a seus companheiros. Campeão do torneio pelo São José de Ramos, no ano passado, ele quer repetir a dose ao lado de Jonathan e todos os seus amigos, agora com a camisa 10 do Cidade Alta, que fica em Cordovil.

— Esse time é uma verdadeira família. Não que eu não tenha amigos no São José. Tenho muitos. Mas aqui é diferente. São mais de 30 anos de amizade e um frequente a casa do outro. Montamos esse time para ganhar o título — afirmou Zé Roberto.

Se dentro de campo os gordinhos fizeram a diferença, fora das quatro linhas o pessoal do Cidade Alta mostrou que é forte candidato ao prêmio de R\$ 30 mil, que será dado a cada uma das três melhores torcidas e destinado à reforma dos campos das equipes. Cerca de 100 pessoas invadiram o Sapê, com direito a

O gordinho Jonathan, o camisa 16 do Cidade Alta, é um dos destaques da equipe de pelada

bandeirão e sinalizadores amarelos e azuis.

Outra torcida que se fez presente foi a do Só Cachaa que goleou, por 5 a 0, o Prá-Campeão de Pelada é uma realização do EXTRA, com produção da Abadai e Patrocínios da Unimed, Itaú e Preznuc. z

RESULTADOS DA RODADA

DIA 24.10 - SÁBADO
Local: Sapê Esporte Clube - Estrada do Sapê, 950 - Rocha Miranda

Grupo 14 e 15			
Só Cachaa	5	0	Prazer da Serra Master 13:00
Cidade Alta Futebol de Favela	7	0	Dom Duarte 14:00
Real do Pé Sujo	6	2	Real Chopp F.S. 15:00

Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 25 – Destaque em jornais



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 26 – Legado da torcida



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

CONCLUSÃO

Hoje, depois de algum tempo mergulhada nesta atitude reflexiva em relação ao fenômeno (CAFF), e lembrando o número de pessoas que compartilharam um pouco de sua história, do seu tempo, dos seus conhecimentos, penso naquelas que ainda estão por vir e que por terem em seus antepassados uma história tão rica como apresentada aqui, o que serão capazes de ainda conquistarem.

O trabalho profissional privilegiado com a juventude local há 15 anos, faz com que perceba a força e o poder de transformação que os jovens da favela possuem e a dádiva que é o dinamismo da vida. Como diria Heráclito de Êfeso¹⁷: “*Tudo muda sem cessar*”. A mudança portanto, é contínua e inevitável. E, ressalto, como vem mudando o conceito e a ótica da favela, como os jovens vêm mudando brilhantemente as seções das páginas de jornais. Sujeitos que trazem maravilhosos universos a desvelar dentro si.

O CIDADE ALTA FUTEBOL DE FAVELA, foi gerado no seio da Cidade Alta pelos filhos de seus filhos, ele representa a voz, a atitude, as cores, a camisa histórica daqueles que romperam e rompem com a indiferença social, que passam por cima da segregação, da discriminação e que lutam todos os dias com esperança de dias melhores. Lembremos das palavras do nosso depoente Ismael Prado, o Maeco, ex morador removido do Parque Proletário 3-Leblon: “*ter um olhar sempre na linha do horizonte*”. É, contudo perceber que existe um horizonte, um horizonte existencial que se alarga na medida em que buscamos as mudanças.

O retorno da palavra FAVELA no nome da equipe de futebol é determinante para essa transformação da realidade dos sujeitos, pois eles foram capazes de transformar um conceito pejorativo que por décadas foram cultivados pela mídia, pelo governo e pelas classes sociais privilegiadas, para um conceito empoderado de favela. Embora exista uma forte política de segregação ainda em nossa sociedade, a trajetória resiliente dos moradores da Cidade Alta é fruto das suas capacidades de superação às adversidades impostas pela vida.

Dentro da favela há um sentimento de luta, de resistência, um sentimento de pertencimento local que sempre é exaltado quando algo ou alguém desponta neste ambiente pois, há laços sociais de afinidade, de reconhecimento, um cantor, um doutor, um jogador... que tenha saído de uma favela é motivo de orgulho pois, em algum momento percebemos familiaridade entre nós, era alguém daqui, bem daqui de dentro que despontou lá fora.

¹⁷ Héraclito(sécs.VI – V a.C), considerado o filósofo do *devir, do vir-a –ser, do movimento, o grego é o mais importantes dos pré socrático....O universo muda e se tranforma infintamente a cada instante.

Quando pensamos em Favela, podemos explorar a dicotomia do termo e pensarmos, ou pelos aspectos negativos, ou pelos aspectos positivos, e nossa pesquisa quer extrair o que a Cidade Alta tem de melhor, o seu aspecto positivo. E, depois de exatamente 50 anos de existência a Cidade Alta ser capaz de novamente de estampar um sorriso no rosto, pela mobilização de sua gente.

Os protagonismos das 3.^a e 4.^a gerações nos surpreende, não pela utilização de um velho entreterimento, mas pela capacidade de ainda causar sensações novas diante do velho futebol, como conhecedor do seu ambiente e também de suas angústias, detentor de suas tradições, o surgimento do CAFF é a representação da juventude que diz que é possível ser feliz aqui, que a favela pode ser paixão. Somos nós torcendo por nós, o que transcende qualquer explicação. Sua torcida não poderia ser melhor definida como “Antiterror” pois somos, destemidos, ninguém nos impõe medo e sabemos que juntos nos tornamos mais fortes!

E, como define Kleber Vianna, outro fundador do CAFF: “*Sempre foi e sempre será mais que um time*”. Essa definição representa bem o ápice do cruzamento de olhares analisada fenomenologicamente em nossa pesquisa. Para quem olha é só um time, para quem é olhado será sempre mais que um time!

REFERÊNCIAS

- BORGES, Dorian. *O medo do crime na Cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob perspectiva das crenças de perigo*. Curitiba: Appris, 2011.
- BRUM, Mario. *Cidade Alta: História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.
- BRUM, Mario. Memórias, identidades e silêncios: a História Local em sala de aula, trabalhada com diferentes gerações. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 4, n. 7, 2015.
- CONCEIÇÃO, Wellington da Silva . “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”: uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos múltiplas pertencas ao campo. *Revista de @ntropologia daUFSCar*, Santa Catarina, v. 8, n. 1, jan./jun. 2016.
- DARTIGUES, André. *O que é Fenomenologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. [S. l.]: LTC, 2004.
- ISP. Instituto de Segurança Pública. Disponível em: www.isp.rj.gov.br. Acesso em: 17 set. 2018.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. Tradução: Maria Gorete Lopes e Sousa. São Paulo: Mandras, 2003.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n.1 jan./jun. 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: Notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, v. 17, n. 49, jun. 2002
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- POLLACK. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.
- VALLADARES, Licia. A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior as ciências sociais. *RBCS*, v. 15, out. 2000.

ANEXO – Fotos

Figura 27- CAFF Mania

A



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

B



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

C



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

D



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 28- Uniforme



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 29 – Dia de jogo



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 30 - Times

A



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

B



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

C



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 31- Diversidade do CAFF



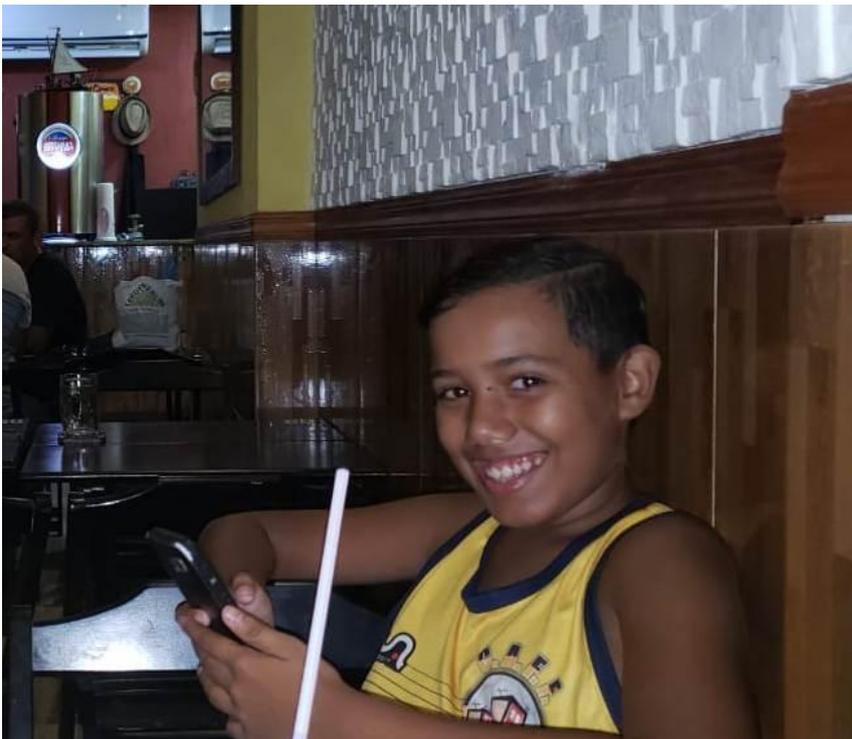
Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 32- Da favela a Paris



Fonte: Arquivo CAFF (Fábio Reff)

Figura 33- Lugar de gente feliz



Fonte: Fabiana Lourenço, 2018.